ROTEIROS CULTURAIS, **TURISMO E PATRIMÔNIO** ENTRE CULTURAS

Organizador: **Christopher Smith Bignardi Neves**

Atena Editora

Ano 2024

ROTEIROS CULTURAIS, **TURISMO E PATRIMÔNIO** ENTRE CULTURAS

Organizador: **Christopher Smith Bignardi Neves**

Ano 2024

Roteiros culturais, turismo e patrimônio entre culturas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Christopher Smith Bignardi Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R843 Roteiros culturais, turismo e patrimônio entre culturas / Organizador Christopher Smith Bignardi Neves. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2954-8
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.548242210

1. Cultura. 2. Turismo. 3. Patrimônio cultural. I. Neves, Christopher Smith Bignardi (Organizador). II. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' será utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e/ou comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação à obra publicada; 2. Declara que participou ativamente da elaboração da obra, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final da obra para submissão; 3. Certifica que a obra publicada está completamente isenta de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação da obra publicada, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. A editora pode disponibilizar a obra em seu site ou aplicativo, e o autor também pode fazê-lo por seus próprios meios. Este direito se aplica apenas nos casos em que a obra não estiver sendo comercializada por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras. Quando a obra for comercializada, o repasse dos direitos autorais ao autor será de 30% do valor da capa de cada exemplar vendido; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como quaisquer outros dados dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O livro *"Roteiros culturais, turismo e patrimônio entre culturas"* apresenta um conjunto de cinco capítulos que oferecem uma análise interdisciplinar sobre o papel do turismo e do patrimônio cultural em contextos globais diversificados. A obra explora questões fundamentais relacionadas à diversidade cultural, à preservação de patrimônios históricos e identitários, e à experiência turística, abordando o turismo como um fenômeno complexo, mediador de culturas e promotor de desenvolvimento sustentável. Cada capítulo oferece uma contribuição distinta e crítica, enfatizando as diferentes formas de patrimônio cultural e como estas se manifestam em variados contextos socioculturais, com reflexões profundas sobre o impacto do turismo no tecido social e cultural das regiões abordadas.

O primeiro capítulo, intitulado *"Identidade, Autenticidade e Turismo: Bares Gays como Patrimônio Cultural LGBTQI+"*, explora o conceito de *gayborhoods*, que são bairros ou áreas historicamente frequentadas e habitadas por comunidades LGBTQI+. Analiso como bares e outros estabelecimentos nessas áreas se tornaram marcos culturais importantes, funcionando não apenas como espaços de socialização, mas também como símbolos de resistência e preservação da identidade queer. A preservação desses locais é considerada fundamental para a manutenção da história das lutas por direitos e reconhecimento desta população, além de oferecer um potencial turístico significativo. Esses espaços, portanto, atraem visitantes interessados em explorar e valorizar o patrimônio LGBTQI+ global, promovendo uma conexão autêntica com a história e a cultura dessa comunidade.

O segundo capítulo, *O Desenvolvimento do Turismo na Cidade de Alto Paraíso de Goiás*, de Amanda Pereira Santos, oferece uma análise detalhada do processo de desenvolvimento turístico em Alto Paraíso, localizado na Chapada dos Veadeiros, um destino conhecido pelo ecoturismo e pelo misticismo. A autora examina o impacto do crescimento turístico sobre as comunidades locais e o meio ambiente, além de discutir os desafios e oportunidades relacionados à gestão sustentável do turismo na região, contribuindo para o debate sobre turismo sustentável e seu potencial para promover o equilíbrio entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico.

No terceiro capítulo, *O "Bailão" no Desenvolvimento Sociocultural do Estado do Rio Grande do Sul e na Consubstanciação de Direitos Culturais*, Henrique Balduvino Saft Dutra aborda a relevância dos bailões, bailes populares no contexto gaúcho, como práticas culturais que fortalecem a identidade regional e a coesão social. O autor explora como esses eventos não apenas preservam tradições locais, mas também servem como uma plataforma para o exercício de direitos culturais, ampliando o acesso ao lazer e ao turismo cultural no estado.

Josep Eduardo García Jiménez, em seu capítulo *Técnicas de Interpretación Turística como Estrategia de Mejora en la Gestión y Operación del Tour "El Cerro del Caballito"*, oferece uma análise sobre a importância da interpretação turística como estratégia para melhorar a gestão e a experiência do visitante. O autor discute a aplicação de técnicas de narração e contextualização que enriquecem a experiência turística e promovem uma maior valorização do patrimônio natural e cultural, com foco no Cerro del Caballito, na Costa Rica. Sua análise sugere estratégias para uma gestão turística que promova a sustentabilidade e o envolvimento cultural.

Por fim, o último capítulo, *Turismo Experiencial – Uma tipologia: Estudo sobre a Percepção da Experiência pelo Viajante*, de Sónia Branquinho de Almeida, Norberto Santos, Mónica Méndez Díaz e Isabel Dias Santiago, abordam o turismo experiencial, um conceito emergente que valoriza vivências imersivas e transformadoras. O estudo explora como os viajantes buscam cada vez mais experiências que transcendem a simples observação, criando conexões significativas com os destinos visitados por meio de interações sensoriais e emocionais.

Ao integrar essas diversas perspectivas, a obra *"Roteiros culturais, turismo e patrimônio entre culturas"* proporciona uma contribuição significativa para os estudos de turismo, ressaltando a importância da preservação patrimonial, da sustentabilidade e do intercâmbio cultural no turismo contemporâneo.

Boa leitura,

Christopher Smith Bignardi Neves

SUMÁRIO

IDENTIDADE, AUTENTICIDADE E TURISMO: BARES GAYS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL LGBTQI+

Data de submissão: 30/09/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Christopher Smith Bignardi Neves
Doutor em Geografia e mestre em Turismo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR
Curitiba – Paraná
http://lattes.cnpq.br/7108544027466482

RESUMO: O manuscrito explora a importância dos bares gays como elementos centrais na formação e consolidação dos gayborhoods, destacando seu papel como espaços de sociabilidade, identidade e resistência para os coletivos LGBTQI+. Além de sua função social, os bares gays têm um impacto econômico significativo, atraindo turistas e visitantes que buscam experiências autênticas e inclusivas. Eles são frequentemente destacados em guias de viagem voltados para a comunidade LGBTQI+, contribuindo para a promoção de destinos turísticos e a valorização da diversidade cultural local. Para tanto, faz-se uma apresentação descritiva de quatro bares icônicos do universo queer: Stonewall Inn (Nova York), Comptons of Soho (Londres), The Stud (San Francisco), Café 't Mandje (Amsterdam). As considerações apontam que os bares gays são fundamentais para a vida social da população LGBTQI+ e para a construção de um patrimônio cultural que celebra a diversidade e a inclusão, tornando-se essenciais na roteirização turística de destinos *friendly*.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo LGBTQI+; Bares gays; Gayborhoods; Patrimônio queer.

1 I INTRODUÇÃO

Os bares gays não são meramente locais de entretenimento; são centros de identidade, acolhimento e celebração da diversidade para a coletividade LGBTQI+ e seus aliados. Combinando elementos de sociabilidade, cultura, economia e representação, os bares gays se tornaram elementos cruciais na configuração e definição dos chamados gayborhoods.

De acordo com Hilderbrand (2024), os bares gays passaram por diversas transformações e adaptações desde a década de 1960, refletindo as mudanças na sociedade e na comunidade LGBTQ+. Inicialmente, esses espaços eram essenciais como locais de refúgio

e encontro para pessoas LGBTQ+ devido à discriminação e marginalização enfrentadas. Com o passar do tempo, os bares gays se tornaram não apenas locais de socialização, mas também centros de ativismo, cultura e expressão.

Ao longo das décadas, os bares gays evoluíram para se tornarem espaços de celebração da diversidade, inclusão e identidade LGBTQ+. Eles desempenharam um papel crucial na construção de comunidades, na promoção da visibilidade e na luta por direitos e igualdade. Além disso, os bares gays foram fundamentais na formação de laços sociais, na criação de redes de apoio e na expressão artística e cultural da comunidade LGBTQ+.

Nas metrópoles, ocorrem os principais eventos da população LGBTQI+, como as Paradas do Orgulho LGBTQI+, World Pride, Gay Games e Festivais de Filmes (Neves, 2020). Nessas cidades, encontram-se os estabelecimentos noturnos mais renomados frequentados pelo público, como bares e casas noturnas LGBTQI+, que abrigam apresentações de destacadas *drag queens*. É nesse contexto urbano que se concentram os encontros homossociais, facilitando e promovendo relacionamentos afetivos e sexuais, o que muitas vezes mitifica a cidade como um "paraíso gay" (Giraud, 2010) ou um "eldorado" (Gresillon, 2000), o que influencia significativamente a atração turística para esses pontos de interesse.

Conforme observado por Leroy (2005) e Mattson (2019), houve um notável aumento na quantidade de bares direcionados, sobretudo, para a frequência e consumo por parte dos homens gays. Essa tendência evidencia a consolidação desses espaços privados, destacando o que Pollak (1982) denominou como instituições fundamentais na vida gay.

A literatura geográfica e sociológica geralmente explora mais os espaços de sociabilidade gay formais, tais como bares, cafés e restaurantes, destacando a experiência positiva de interação, contribuição econômica e visibilidade (Adam, 1999). No entanto, os pesquisadores tendem a evitar espaços mais informais, como saunas e *dark rooms*[1], devido à percepção de que ali a sexualidade é mais explícita.

Para Pollak (1982), os bares destinados ao público gay surgiram progressivamente nas cidades após a década de 1970, anteriormente banidos ou considerados ilegais, passaram a desfrutar da liberdade prevalecente na época. Em um contexto diferente, Hekma (2007), ao analisar o surgimento dos bares gays em Amsterdam, destaca diversos motivos, incluindo o movimento homossexual neerlandês (COC), uma cultura gay e lésbica mais robusta e autoconsciente, a influência da cultura hippie e de drogas, bem como o reconhecimento da cidade como a capital mundial dos gays.

Além de serem espaços de sociabilidade, esses estabelecimentos servem como uma entrada para os mais jovens, recém-chegados de outras cidades ou recentemente assumidos, permitindo que descubram sua identidade como parte da coletividade LGBTQI+. A importância econômica dos bares gays tem sido abordada por diversos teóricos, incluindo

1 Quarto escuro, é um ambiente mantido sem iluminação para evitar a exposição não desejada de pessoas ou objetos, ambientes onde as interações são anônimas e, em muitos casos, direcionados para relações sexuais casuais.

Pollak (1982), Adam (1999), Sibalis (2004), Blidon (2007), Hekma (2007), Ghaziani (2014; 2022), Doan (2015) e Mattson (2019).

Conforme Giraud (2014; 2009) observou, esses locais são espaços performáticos de encenação da sexualidade dissidente, expressados através de linguagens verbais e não verbais, linguagem corporal e códigos de vestimenta (inclusive a ausência das vestes), realizados como processos rituais, como flertes ou momentos descontraídos com nuances humorísticas, em meio a uma cultura dominante, muitas vezes destacada por uma decoração específica (Butler, 1990; 1993).

Refletindo sobre o papel crucial dos bares na narrativa dos gayborhoods, Mattson (2022) e Ghaziani (2022) percebem que esses estabelecimentos são atrativos turísticos para o público LGBTQI+. Como evidenciado no caso da Reguliersdwarsstraat, determinados bares gays tornaram-se conhecidos em âmbito regional, nacional e internacional (Neves, 2020).

Com a ascensão do marketing direcionado ao público gay (Nunan, 2003), revelando as vantagens do Pink Money (Hughes, 2006), esse mercado específico dos bares gays se tornou uma parcela significativa do entretenimento (Quilley, 1997; Sibalis, 2004). Assim, bares como o Stonewall Inn (Nova Iorque), Comptons of Soho (Londres), The Stud (San Francisco), Café ‘t Mandje (Amsterdam) transformaram-se em locais conhecidos, frequentados por membros da coletividade LGBTQI+ de todo globo. Conforme observado por Giraud (2014), esses bares atraem o maior número de visitantes, provenientes de diversas origens geográficas.

Em contraste com os bares famosos, outros estabelecimentos atendem principalmente a uma demanda local, situados longe dos holofotes midiáticos e dos guias turísticos. Esses bares, muitas vezes distantes dos gayborhoods, são marginalizados, inseridos nas áreas periféricas do tecido urbano (Binnie; Skeggs, 2004).

Busscher, Mendès-Leite e Proth (1999) mencionam que alguns bares operam dentro de uma economia centrada no prazer sexual, envolvendo relações sexuais minimamente socializadas. De acordo com Lauc Humphreys (2007), esses locais, incentivando a prática da sexualidade anônima entre homens, constituem uma espécie de “etnografia perigosa”, resultando em poucas análises dedicadas a esses bares gays.

Se considerarmos a histórica exclusão da coletividade LGBTQI+ dos espaços públicos, é possível compreender a transição para espaços privados, onde se organizam e discutem questões sensíveis para a coletividade. Dessa forma, os espaços de consumo tornam-se recursos culturais e políticos cruciais na mitigação das opressões sociais.

Para entender o desenvolvimento dos gayborhoods, é essencial compreender o papel desempenhado pelos empreendimentos gays nesse processo e como continuam a surgir novos estabelecimentos e serviços (Podmore, 2006; 2013; Doan, 2015). Como resultado, os gayborhoods ganharam visibilidade, pois destacaram seus sucessos empresariais, ressaltados por sua natureza singular de eventos e atividades únicas, que promovem o

comportamento hedonista de festividades e entretenimento (Hahm; Ro; Olson, 2018).

A gaytrificação nas últimas cinco décadas tem sido um fenômeno crucial para o sucesso dos estabelecimentos gays e o avanço dos direitos civis. Assim, empresários gays têm contribuído significativamente para transformar a imagem das cidades, resultando no "selo *gay-friendly*". Esse *Place Branding* é derivado principalmente do processo de gaytrificação (Montenegro, 2022; Bitterman, 2021).

Estes esforços empresariais são manifestados de várias maneiras, incluindo a visibilidade dos empreendedores e funcionários LGBTQI+, campanhas de marketing direcionadas aos consumidores desse grupo e a localização estratégica dessas empresas em gayborhoods (Doan, 2015). Mesmo os clientes heterossexuais percebem a cultura dominante nesses territórios e consumir nesses estabelecimentos é visto como um incentivo e apoio à causa LGBTQI+, que sentem-se pertencentes a estes lugares.

Autores como Chicoine, Rose (1993), Collins (2005), Ghaziani (2018) e Montenegro (2022) ressaltam que a imagem do bairro e sua representação social são moldadas por espaços visíveis, arquitetura, vitrines decoradas, grafites, obras de arte e, no caso da gaytrificação, a exposição de bandeiras coloridas ou trans, além da representação afetiva de casais gays e lésbicas. A visibilidade dos frequentadores é determinada por essa imagem do local.

Na visão de Ghaziani (2022) e Giraud (2014), a gaytrificação influencia a imagem do bairro e a representação dos seus moradores, promovendo uma dinâmica distinta em comparação aos bairros heteronormativos da cidade. Os gayborhoods tendem a ter características mais efervescentes, acolhedoras e autênticas, aumentando a presença e atividade queer no local, impactando a frequência de LGBTQI+.

Greggor Mattson (2019), em estudos recentes investiga a importância dos bares gays e os motivos pelos quais muitos deles estão encerrando suas operações. O autor aponta que o declínio no funcionamento de bares gays teve início por volta de 2002, e, entre 2007 e 2019, 37% dos bares gays nos Estados Unidos fecharam.

Esse declínio também afetou restaurantes, pequenas lojas e prestadores de serviços mais suscetíveis a essas mudanças. Mattson (2019) destaca que, em cidades litorâneas, a gentrificação expulsou os bares gays das áreas que a própria coletividade LGBTQI+ havia contribuído para modernizar.

Entretanto, Mattson (2020) continua a enxergar os bares gays como portais para a liberdade, considerando-os rituais de passagem no processo de aceitação de indivíduos LGBTQI+, fornecendo um espaço acolhedor para esse público. No entanto, o fechamento desses estabelecimentos deixa a coletividade LGBTQI+ mais vulnerável.

O autor menciona a existência de uma variedade de bares gays reconhecidos em grandes centros urbanos, muitos dos quais têm uma presença consolidada na economia local. No entanto, em cidades menores e mais distantes, há apenas um ou dois bares, e o fechamento desses estabelecimentos deixa a comunidade sem um espaço vital para

socialização (Mattson, 2020; 2022).

A pandemia da Covid-19 agravou ainda mais a situação desses bares, antecipando o encerramento de muitos deles. As restrições e medidas adotadas levaram à diminuição da frequência dos clientes, resultando na perda de fontes de renda. Mattson (2020) observa que profissionais como DJs, *drag queens* e seguranças frequentemente não são funcionários registrados dos bares, dependendo de gorjetas, comissões sobre vendas ou pagamento por serviços prestados diariamente.

O fechamento de bares gays, especialmente em meio à pandemia da Covid-19, tem sido uma realidade preocupante. Muitos desses locais, tendo sofrido com as restrições e a redução da clientela, viram-se à beira do encerramento. As dificuldades financeiras, problemas de gestão e mudanças no comportamento do consumidor têm colocado em xeque a continuidade desses espaços.

Contudo, embora tenham sido fundamentais para a coesão e identidade desses bairros, esses estabelecimentos enfrentam desafios significativos. Em resposta a essa situação, Mattson destaca que muitos profissionais do entretenimento migraram para o espaço virtual, organizando apresentações em vídeo nas redes sociais, gravando *lives* ou *podcasts*. Embora os bares enfrentem dificuldades financeiras e problemas de gestão, o autor refuta a afirmação de que estejam desaparecendo dos gayborhoods (Mattson, 2020).

A história e o impacto desses estabelecimentos são profundamente enraizados na cultura e identidade LGBTQI+, e, portanto, seu declínio representaria uma perda significativa para esse coletivo. A era pós-pandemia representará um desafio adicional para a recuperação desses bares, exigindo adaptações e estratégias inovadoras para manter a tradição e relevância desses espaços. Sua importância transcende o valor comercial, carregando consigo um legado de inclusão, aceitação e celebração da diversidade, que muitos consideram insubstituível.

2 I ANÁLISE

A seguir, apresenta-se resumidamente alguns dos bares gays que aparecem em guias turísticos, destacando a contribuição destes estabelecimentos para o nível local, evidenciados como agentes da cultura queer da cidade, do país e até mesmo no âmbito mundial.

2.1 Stonewall Inn (Nova York)

O Stonewall Inn é um bar icônico para o movimento pelos direitos LGBTQI+ e um marco histórico na luta por igualdade e aceitação. Este bar, localizado na rua Christopher n. 53, no coração de Greenwich Village, na cidade de Nova York, é amplamente reconhecido como um dos locais mais emblemáticos da cultura LGBTQI+. Sua importância histórica

é inegável, e isso se deve, aos tumultos de Stonewall, que se inicaram em 28 junho de 1969 e representaram um ponto de virada na história do ativismo pelos direitos dessas coletividades.

O Stonewall Inn serviu como um refúgio e um ponto de encontro crucial para a coletividade LGBTQI+ em uma época em que a discriminação e a hostilidade eram generalizadas. Na década de 1960, a cidade de Nova York abrigava uma população LGBTQI+ considerável, e os bares gays eram um dos poucos lugares onde as pessoas podiam expressar abertamente sua orientação sexual. No entanto, esses estabelecimentos enfrentavam uma série de desafios, incluindo a discriminação legal que os impedia de obter licenças para vender bebidas alcoólicas (Figura 1).

Figura 1 – Stonewall Inn (Nova York)

Fonte: Fred W. McDarrah (28 de junho de 1969); National Park Service (22 de outubro de 2013).

Em resposta a essas dificuldades, ativistas LGBTQI+ lideraram esforços para reverter a política discriminatória do órgão regulador de bebidas alcoólicas do estado de Nova York. Eles obtiveram sucesso nesse empreendimento, em parte devido aos interesses financeiros envolvidos, pois os proprietários de bares gays vislumbraram oportunidades lucrativas (*pink money*), para evitar batidas policiais subornavam os oficiais, tornando o Stonewall Inn e estabelecimentos similares mais viáveis comercialmente

No entanto, o Stonewall Inn estava longe de ser um local luxuoso, suas os relatos remetem a um local sujo e operando à margem da legalidade. Por estar no epicentro da vida noturna LGBTQI+ de Nova York, o bar acolhia clientes que enfrentavam múltiplas formas de marginalização. Isso incluía pessoas menores de idade, indivíduos sem-teto, pessoas negras e *drag queens*, que eram frequentemente excluídas de outros espaços de reunião social homossexual.

Como observou Dick Leitsch, o primeiro jornalista homossexual a documentar os eventos da época, o Stonewall Inn era mais do que apenas um lugar para dançar e socializar; era um refúgio para pessoas que, de outra forma, se sentiam indesejadas ou excluídas de outros círculos LGBTQI+. Seu papel como ponto de encontro para a diversidade de experiências e identidades dentro da coletividade LGBTQI+ é uma parte fundamental de

sua história.

Hoje, o Stonewall Inn é reconhecido como o primeiro monumento nacional dedicado aos direitos LGBTQI+ nos Estados Unidos – *National Historic Landmark (NHL) Criterion 1*. Essa nomeação assegura que sua história seja preservada e protegida para as gerações futuras. Além disso, o monumento (Figura 2) serve como um local público de celebração e reflexão, onde visitantes de todo o mundo podem começar a compreender e celebrar o legado histórico e a importância do Stonewall Inn no movimento pelos direitos LGBTQI+.

Figura 2 – Stonewall National Monument (Nova York)

Fonte: Spencer Platt (30 de maio de 2014); Hulton Archive (2019).

Na proclamação, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama apresenta que:

> A Revolta de Stonewall mudou a história da nação. [...] A busca pela igualdade LGBT depois de Stonewall evoluiu de protestos e pequenas reuniões para um movimento nacional. Mulheres lésbicas, homens gays, bissexuais e transexuais unidos para garantir direitos iguais para todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de género. As duras vitórias dos direitos civis em tribunais e assembleias estaduais em todo o país prepararam o terreno para vitórias na Suprema Corte que teriam parecido impensáveis para aqueles que se levantaram em Greenwich Village em junho de 1969. Hoje, comunidades, cidades e nações celebram dias e meses do Orgulho LGBT (The White House, 2016 – tradução nossa).

2.2 Comptons of Soho (Londres)

O Comptons of Soho é um dos bares mais antigos e emblemáticos na região do Soho, em Londres. Este estabelecimento não apenas desempenhou um papel crucial na vida noturna do bairro, mas também influenciou significativamente a identidade e a dinâmica do gayborhood em si. Este artigo se propõe a analisar a história do Comptons of Soho, sua influência na rua e sua contribuição para a evolução do bairro gay.

> Comptons está no epicentro da cena gay desde 1986. Um farol acolhedor nos tempos difíceis do final dos anos 80 e 90, Comptons ficou famoso pela

> multidão de gays bebendo na rua em frente ao local. Agora um dos locais LGBTQIA+ mais famosos de Londres, Comptons continua sendo o coração do Soho gay (Comptons, 2023, sem paginação – tradução nossa).

Originalmente conhecido como *The Swiss Tavern* na década de 1950, emergiu como um ponto de encontro discreto e popular entre a o público gay em um período no qual encontros homossexuais eram ilegais (Travel Gay, 2012). Sua história remonta a uma era em que espaços seguros para a coletividade LGBTQI+ eram escassos e, por vezes, perigosos. Na década de 1980, o Comptons of Soho começou a se destacar como um local de refúgio e acolhimento para indivíduos queer, tornando-se um dos primeiros bares declaradamente gays de Londres.

Localizado estrategicamente no coração do Soho, o Comptons of Soho exerceu influência direta na dinâmica da Old Compton Street. Esta rua icônica tornou-se sinônimo da cultura gay de Londres e viu um aumento significativo no número de estabelecimentos voltados para a coletividade LGBTQI+ ao longo dos anos (Andersson, 2009). O Comptons, como um dos bares pioneiros, contribuiu para a consolidação da rua como um epicentro da vida noturna gay, atraindo uma ampla gama de frequentadores e contribuindo para a diversidade e riqueza cultural do local.

Deste modo, a Old Compton Street, tem sido um importante ponto central para a coletividade LGBTQI+ desde o início dos anos 1990. A área vivenciou um rápido crescimento de negócios voltados para o público queer, atraindo a atenção tanto da mídia direcionada ao público LGBTQI+ quanto da mídia convencional. O desenvolvimento da Old Compton Street como parte fulcral do gayborhood foi celebrado por seu modelo territorial baseado na identidade (Andersson, 2018).

Além de seu impacto na rua, o Comptons of Soho (Figura 3) desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do bairro gay de Londres. Ao longo das décadas, o bairro do Soho se estabeleceu como um gayborhood. O Comptons, com sua história marcante e compromisso com a coletividade, desempenhou um papel significativo na criação e manutenção de um ambiente acolhedor para indivíduos LGBTQI+ na região.

Figura 3 – Comptons of Soho (Londres)

Fonte: Yui Mok (29 de julho de 2000); Jamie Thistlethwaite (21 de novembro de 2020).

O Comptons of Soho consiste num marco na história da coletividade gay de Londres. Sua história de resistência, seu impacto na dinâmica da rua e sua contribuição para a formação e consolidação do bairro gay destacam a importância não só como um ponto de encontro, mas como um símbolo da luta e celebração da diversidade na cultura LGBTQI+. Este estabelecimento continua a desempenhar um papel vital na promoção de um espaço seguro e inclusivo para a coletividade LGBTQI+ no Soho.

2.3 The Stud (San Francisco)

Originalmente inaugurado em 1966, como um bar gay de temática *country-western* o The Stud era localizado originalmente na Folsom Street n. 1535, na região de SoMa (South of Market) em São Francisco (Bravo, 2023). Este bairro sempre foi conhecido por abrigar uma vibrante cena LGBTQI+ e se tornou um ponto central para a coletividade queer, desde 1987, o bar (Figura 4) ocupava um prédio datado de 1908, na 9th Street n. 399, que era decorada em estilo kitsch (Batey, 2020).

Durante décadas, o local foi um ponto de encontro crucial para a coletividade LGBTQI+, oferecendo um espaço seguro e acolhedor para uma variedade de pessoas, se tornou um centro de expressão artística, abrigando performances de drag queens, shows de talentos locais, festas temáticas (Frolic, drag queens, góticas), além de uma variedade de eventos culturais, beneficentes, arrecadações de fundos e festivais culturais que apoiavam LGBTQI+ e suas causas.

Figura 4 – The Stud (San Francisco)

Fonte: G. Matson (sem data informada); David Shnur (sem data informada).

O bar era frequentado por entusiastas da cultura queer. O The Stud foi frequentado por inúmeras personalidades ao longo dos anos, incluindo artistas, drag queens, músicos, ativistas e membros influentes da coletividade LGBTQI+. Muitos artistas conhecidos e emergentes apresentaram-se no palco do The Stud, contribuindo para a reputação do clube como um local de descoberta de novos talentos. Incluindo artistas atualmente famosos como Sylvester, Divine, RuPaul, Lady Gaga, Bjork, Matthew Barney entre outros ícones da

cultura LGBTQI+ e da indústria do entretenimento.

> O Stud é um dos bares gays mais antigos de São Francisco, orgulhoso entre os poucos que sobraram dos velhos tempos, quando toda uma parte da cidade era mais selvagem do que hoje. É mais que um bar, é um lugar para se encontrar (O'Furr, 2016 – tradução nossa).

O bar passou por alguns momentos de crise, em 1987, quando mudou de endereço, depois em 1996 quando foi comprado por Michael McElhaney, depois em 2016, quando o referido proprietário, anunciou que se aposentaria, acrescentando que o prédio havia sido vendido, o aluguel triplicaria e que um condomínio de luxo erguido ao lado do bar, gerava muita preocupação e incerteza sobre o futuro do local (Bieschke, 2016). Parte dos funcionários do The Stud se mobilizaram e formaram uma cooperativa que comprou o bar (Kukura, 2016).

Em 2020, devido a dificuldades financeiras exacerbadas pela pandemia de COVID-19, o The Stud anunciou o fechamento de suas portas físicas. No entanto, um grupo cooperativo de 18 proprietários que gerencia o bar se mobilizou para preservar o seu legado e, desde então, houve esforços para manter a presença do The Stud, tanto por meio de eventos online como possíveis planos para uma reabertura física ou continuando suas atividades de maneira itinerante.

Na época áurea do Leather District, quase 30 empreendimentos atendiam ao público LGBTQ, no período pós-pandêmico restam apenas alguns. Apesar do reconhecimento legal do Leather District como um distrito cultural e um patrimônio significativo para a cidade de San Francisco, uma legislação de zoneamento foi aprovada, dificultando consideravelmente a inclusão de novos estabelecimentos noturnos nessa região.

Os membros do coletivo The Stud destacaram a influência de diversos políticos na alteração do zoneamento para permitir a instalação da nova localização do The Stud. O coletivo colaborou ativamente com os supervisores distritais, o Supervisor do Distrito 6, Matt Dorsey, cuja área engloba o novo espaço, o Supervisor do Distrito 8, Rafael Mandelman, e o Supervisor do Distrito 4, Joel Engardio, ambos políticos gays (Guzman, 2023).

Após superar esse desafio, a cooperativa que administra o bar iniciou uma campanha de crowdfunding para manter as atividades em pleno funcionamento, propondo reabrir as portas novamente em janeiro de 2024.

> O The Stud é o bar LGBT mais antigo de São Francisco e um dos bares de drag mais famosos do mundo [...] E acabamos de assinar um contrato de aluguel em um novo local que será inaugurado até o final do inverno! Estivemos economizando dinheiro e procurando um novo lar para o nosso local de 57 anos de idade (que ainda se comporta como se tivesse 21) desde que fomos obrigados a fechar nossas portas durante a pandemia. E no mês passado, assinamos um contrato para comprar o bar perfeito (1123 Folsom Street) na principal área comercial do histórico Leather District de São Francisco (The Stud, 2023 – tradução nossa).

O bar The Stud é um exemplo do que relata Mattson (2019, 2020) de que os bares

gays tem enfrentado dificuldades financeiras para se manter, no exemplo The Stud, a pressão gentrificadora com o aumento do valor do aluguel em 150% e o novo zoneamento urbano podem ser percebidos, no entanto, também reverbera o lobby político LGBTQI+, conquista iniciada por Harvey Milk.

2.4 Café ‘t Mandje (Amsterdam)

A importância histórica do Café ‘t Mandje[2] inaugurado em 1927, em Amsterdam, destaca concomitantemente o papel de (Elisabeth Maria) Bet van Beeren na coletividade LGBTQI+, o café é considerado um símbolo na história queer de Amsterdam, ícone de tolerância, em 2008, ‘t Mandje foi incluída como a 39ª janela do Cânone de Amsterdam.

O ilustre café está localizado na rua Zeedijk (Figura 5), uma das ruas mais antigas da cidade, um dos principais acessos ao bairro da luz vermelha. A importância de ‘t Mandje se dá por ser um dos primeiros cafés onde gays e lésbicas não tiveram que esconder sua orientação, isso num período onde a homossexualidade era um tabu até mesmo para os holandeses. A legislação da época proibia dançar no café, incorrendo no risco de perder a licença, apenas no Dia da Rainha as regras eram afrouxadas, de modo que os homens podiam dançar com homens e as mulheres com mulheres, porém desde sempre, não se permitia beijos.

Figura 5 – Café ‘t Mandje (Amsterdam)

Fonte: Collectie Bureau Monumentenzorg (sem data informada); Alberts (1985); Bont (1962).

Bet van Beeren (Figura 6), foi uma personalidade abertamente lésbica, transformou o bar, anteriormente de seu tio, no Café ‘t Mandje, ponto de encontro acolhedor para diversas pessoas, desafiando as normas sociais da época, que consistiu como um dos primeiros bares mistos (gay/hétero) de Amsterdam, dado a importância e notoriedade de Bet, a mesma recebeu o título honorário de “Rainha do Zeedijk” por seus serviços a rua.

2 A página de internet do “Cafe ‘t Mandje – Bet van Beeren, Fun & respect since 1927” pode ser acessada em: https://www.cafetmandje.amsterdam/

Figura 6 – Bet van Beeren (1902-1967)

Fonte: Collectie IAV-Atria (sem data); Presser (1966); Holsbergen (1961).

Lésbica peculiar e excêntrica, Bet cortava as gravatas dos clientes masculinos como lembranças, pendurando-as no teto do café. Sob sua gestão nas décadas de 1950 e 1960, ‘t Mandje floresceu, conforme relata Hekma (2015), em muitos casos mulheres lésbicas, eram quem administravam os bares mistos, que tiveram seus anos dourados pouco antes da revolução sexual.

De acordo com Hekma (2015), os frequentadores dos bares mistos eram bastante variado, como marinheiros e soldados que vinham de outros países, além das vizinhas prostitutas do bairro da luz vermelha, e também gays e lésbicas, numa época em que a homossexualidade ainda era algo abjeto. O escritor Gerard Reve[3] era um cliente regular do ‘t Mandje, ele foi o primeiro neerlandês famoso a admitir publicamente sua homossexualidade na década de 1960.

> Era um refúgio onde, graças a Bet, as bichas e lésbicas, podiam ser elas mesmas e encontrar parceiros. Bet acolheu jovens lésbicas e gays e os ajudou com conselhos e assistência em seu caminho sexual (Hekma, 2015 – tradução nossa).

Havia uma política de portas, ou seja, um porteiro era quem liberava o acesso ao bar, caso algum policial viesse ao bar, uma luz vermelha dentro de uma coruja alertava os clientes, o que preservou muito gays e lésbicas (Winq, 2022). O Café ‘t Mandje era um local que proporcionava segurança para os clientes ricos que iam em busca de sexo e o exotismo no Zeedijk, bairro onde as oportunidades sexuais existiam para heterossexuais, gays e lésbicas (Doppert, 2023). As relações sexuais ocorriam na casa de um dos parceiros ou até mesmo num beco tranquilo, outras opções consistiam em quartos alugados pelos donos de bares ou em hotéis pagos por uma hora, como o Witte Ballon localizado ao lado de ‘t Mandje (Hekma, 1992).

3 Gerard Kornelis van het Reve foi um dos três grandes nomes da literatura holandesa do pós-guerra. Suas principais obras são: De Avonden [As Noites] (1947); Nader tot U [Mais perto de ti] (1966); Lieve Jongens [Queridos Meninos] (1973); De Vierde Man [O quarto homem] (1981) – estes dois últimos com adaptações para o cinema.

O consumo excessivo de álcool, ocasionou a morte de Bet van Beeren em 16 de julho de 1967 devido a insuficiência hepática (Brand, 2017), para Sleutjes (2021) é espantoso o modo de vida de Bet, amparado no testemunho Jan Rogier (1967) por ocasião de seu falecimento:

> durante quarenta anos sua dieta consistiu em cerveja, arenque - quando conveniente - e às vezes um pouco de comida sólida . Beber mais de quarenta cervejas por dia durante quarenta anos e depois morrer de uma doença hepática aos sessenta e cinco anos é uma conquista que ninguém consegue igualar (Rogier, 1967, *apud* Sleutjes, 2021 – tradução nossa).

Até 1970, a vida queer era dominada pela prática do *cruising* e sexo em mictórios e parques, às vezes em cinemas. Os bares ainda ocupavam um lugar marginal porque havia poucas oportunidades sexuais concretas, em parte devido a verificações regulares da polícia (Hekma, 1992; Duyves, 1993).

Após a morte de Bet em 1967, sua irmã mais nova, Greet, continuou a administração do café por 15 anos, mantendo o lugar popular e animado. Contudo, devido a problemas relacionados ao uso de drogas na área, o café foi fechado em 1982, seu interior impressionante permaneceu intocado durante dezessete anos, quando parte dos objetos do café foram realocados para o Museu de Amsterdam (ATRIA, 2018).

Ocorreu a reabertura temporária do café durante os Gay Games de 1998 como uma homenagem a Bet. Em 2007, por ocasião do 80º aniversário da abertura original por Bet, e 40 anos após sua morte, Greet vendeu o café à sua sobrinha, Diana van Laar, que após restaurar o bar como à sua antiga glória, reabriu-a ao público em 29 de abril de 2008 (Figura 7); bastante apropriado, sendo véspera do Dia da Rainha (feriado nacional), além do bar, o apartamento no andar de cima onde Bet morava foi fielmente reconstruído e fora alugado como um *bed and breakfast.*

Figura 7 – Café 't Mandje (após reabertura)

Fonte: Google (junho de 2008); Alberts (29 de abril de 2009)

Esse evento foi crucial para reviver o local e manter viva a tradição de acolhimento e inclusão. Desde então, o estabelecimento ganhou notoriedade consistindo marco nos

roteiros turístico para visitantes interessados na perspectiva única da história LGBTQI+ de Amsterdam.

Houve o esforço de preservação do interior original do café, incluindo uma extensa coleção de objetos e fotografias, muitos dos quais foram reproduzidos para evitar danos aos originais. Hekma (1992) ao fazer entrevistas para o *The Pink Border of Dark Amsterdam (De roze rand van donker Amsterdam)* constatou que os participantes do estudo tinham boas lembranças de Bet e ‘t Mandje.

A história e a herança cultural do café foram documentadas em colaboração com o *Stadsarchief* (Arquivo da Cidade) e o *Homo-archief* (Arquivo LGBTQ+), a relevância do Café ‘t Mandje continua a ser exposta no Museu de Amsterdam, através da réplica em permanência exibição, conforme mostra a Figura 8.

Figura 8 – Réplica do Café ‘t Mandje no Museu de Amsterdam

Fonte: Museum.nl (sem data informada); de Wildt (2015).

O café celebrou seu 90º aniversário em 2012 e continuou a ser um ponto de referência LGBTQI+ na cidade. Apesar de sua modesta dimensão, o Café ‘t Mandje continua expressando suas posições sobre questões LGBTQI+, o estabelecimento participa ativamente de eventos e discussões relacionados à causa queer. Sua designação como local oficial para cerimônias de casamento de pessoas LGBTQI+ destaca sua relevância como um espaço culturalmente importante para a cidade.

Durante o início da pandemia de Covid-19, o bar teve de fechar as portas novamente, em 2020, o edifício foi vendido à empresa de investimentos NV Zeedijk, que é controlada pela prefeitura, que buscou investidores para administrar o bar - mantendo as características do patrimônio cultural queer do bar por mais 100 anos (Café ‘t Mandje, 2020). As investidoras aprovadas pela empresa se comprometeram após findado as medidas restritivas da Covid-19 a abrir o bar diariamente após as 16 horas; fato que ocorreu em 15 de julho de 2022, segundo as administradoras, o público diário de turistas representa 20% do total da clientela (Gallant, 2023).

Desde sua abertura no início do século XX, passando por momentos de crise,

fechamento e reabertura contribuíram para a valorização e preservação desse local emblemático, atraindo os admiradores da Bet, o público gay e lésbica, além de turistas em busca de experiências autênticas e culturais. Este estabelecimento permanece como um símbolo de resistência queer da cidade.

3 | DISCUSSÃO

Diversos desafios e dificuldades são relatados na mídia direcionada ao público gay quando se trata de fechamento das casas noturnas ou bares gays. Interpretado o título à luz do existencialismo, destaca-se como as tomadas de decisão e as responsabilidades individuais e social influenciam na construção da identidade queer.

Enfrentar desafios, em vez de ser destruído por eles, é uma expressão da liberdade humana que dá significado à própria existência. Como exposto anteriormente os bares gays tem enfrentado adversidades constantes ao longo do tempo, resistem em prol de uma coletividade, sendo locais fulcrais na resistência urbana LGBTQI+.

De modo geral, com base no referencial teórico exposto anteriormente, bem como na breve menção aos bares Stonewall, Comptons, The Stud e Café 't Mandje pode-se afirmar a estreita relação entre os bares gays e as cidades turísticas, uma vez que compartilham características.

Ao entender as forças que os tornam atraentes para a coletividade LGBTQI+, podemos explorar como esses espaços contribuem para a diversidade cultural e para o turismo local. No entanto, também é essencial reconhecer as vulnerabilidades que enfrentam, desde desafios financeiros até mudanças nas preferências do consumidor. Enquanto o turismo LGBTQI+ se destaca como uma oportunidade em ascensão, os bares gays enfrentam ameaças como restrições sociais e competição crescente, se localizados fora dos bairros gays, os empreendimentos podem sofrer repressões da comunidade ou de empresários da região.

De certo, a análise não é regra, porém revela a complexidade e a importância desses estabelecimentos como parte integrante da identidade queer local e das culturas de cada cidade turística. Embora os bares gays tenham forças distintas, eles enfrentam desafios significativos, especialmente em um ambiente dinâmico e em constante mudança. A adaptação, a inovação e a colaboração são essenciais para garantir a relevância contínua e o sucesso desses estabelecimentos como indutores turísticos em destinos *friendly*.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bares desempenharam um papel fundamental na formação dos bairros gays. Eles foram espaços essenciais de sociabilidade, onde os gays podiam se reunir, socializar, fazer contatos interpessoais, aliviar o isolamento social e realizar eventos comunitários, como exposições de arte, leilões de caridade e reuniões políticas. Os bares eram considerados

as instituições culturais mais importantes para os homens gays do século XX, onde muitos homens recém-saídos do armário eram socializados e onde a comunidade gay se reunia para fortalecer seus laços e identidade coletiva.

Portanto, os bares desempenharam um papel central na criação e consolidação dos bairros gays como espaços de pertencimento e expressão cultural Muitos destinos turísticos populares entre a comunidade LGBTQ+ são conhecidos por seus vibrantes bares gays. Esses locais se tornam pontos de referência e atrações turísticas para viajantes que buscam experiências autênticas e inclusivas.

Os bares gays oferecem oportunidades para os viajantes LGBTQ+ se conectarem com a comunidade local e com outros visitantes. Eles servem como espaços de socialização, networking e troca de experiências entre pessoas com interesses e identidades em comum.

Ao visitar esses locais, os turistas têm a oportunidade de vivenciar e apreciar a diversidade cultural e a história da comunidade local. Os bares gays muitas vezes refletem a cultura e a identidade da comunidade LGBTQ+ de uma região específica. Para muitos viajantes LGBTQ+, esses bares representam espaços seguros e acolhedores onde podem se expressar livremente e ser aceitos sem julgamentos. Isso contribui para uma experiência turística mais positiva e inclusiva.

Os bares gays muitas vezes são destacados em guias de viagem e recursos turísticos voltados para a comunidade LGBTQ+, ajudando a promover destinos e a atrair visitantes interessados em explorar a vida noturna e a cultura local.

REFERÊNCIAS

ADAM, P. Bonheur dans le ghetto ou bonheur domestique? Enquête sur l'évolution des expériences homosexuelles. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 128, p. 56-72, 1999.

ANDERSSON, Johan. East end localism and urban decay: Shoreditch's re-emerging gay scene. **The London Journal**, v. 34, n. 1, p. 55-71, 2009.

ANDERSSON, Johan. Homonormative aesthetics: AIDS and 'de-generational unremembering'in 1990s London. **Urban Studies**, v. 56, n. 14, p. 2993-3010, 2019.

ATRIA. **Bet van Beeren – biografie**. 28 de setembro de 2018. Disponível em: https://atria.nl/nieuws-publicaties/bijzondere-vrouwen/vrouwelijke-pioniers/bet-van-beeren-biografie/. Acesso em: 31 jan. 2024.

BATEY, Eve. **The Stud, San Francisco's Oldest Queer Bar, Has Lost Its Home**. Eater San Francisco, 21 de maio de 2020. Disponível em: https://sf.eater.com/2020/5/21/21266456/the-stud-soma-closing-lgbtq-gay-bay-san-francisco. Acesso em: 31 jan. 2024.

BIESCHKE, Mark. **50-year-old gay bar The Stud faces closure as rent triples**. 03 de julho de 2016. Disponível em: https://48hills.org/2016/07/the-stud-future/. Acesso em: 31 jan. 2024.

BINNIE, Jon; SKEGGS, Beverley. Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space: Manchester's gay village. **The Sociological Review**, v. 52, n. 1, p. 39-61, 2004.

BITTERMAN, A. The Rainbow Connection: A Time-Series Study of Rainbow Flag Display Across Nine Toronto Neighborhoods*. In:* BITTERMAN, A.; HESS, D. B. **The Life and Afterlife of Gay Neighborhoods**. Renaissance and Resurgence. Cham: Springer, 2021. p. 117-137

BLIDON, M. Les commerces gays entre logique économique et logique communautaire. *In:* PERREAU, B. **Le Choix de l'homosexualité**. Recherches inédites sur la question gay et lesbienne. Paris: EPEL, p.151-166, 2007.

BRAND, Hilde. **Beeren, Elisabeth Maria van (1902-1967)**. Huygens Instituut, 22 de maio de 2017. Disponível em: https://resources.huygens.knaw.nl/vrouwenlexicon/lemmata/data/Beeren. Acesso em: 31 jan. 2024.

BRAVO, Tony. **Exclusive: Famed S.F. LGBTQ bar the Stud to reopen at new location**. San Francisco Chronicle, 04 de setembro de 2023. Disponível em: https://www.sfchronicle.com/entertainment/article/sf-the-stud-reopen-18338150.php. Acesso em: 02 fev. 2024.

BUSSCHER, P. O.; MENDÈS-LEITE, R.; PROTH, B. M. Rituais de troca e práticas sexuais masculinas. Sexo impessoal: entre a erotização do espaço e a organização das identidades (bi)sexuais. In: **Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia**. Publicação da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, n. 2-3, 1997.

BUTLER, J. **Bodies that Matter**: On the Discursive Limits of 'Sex'. Londres: Routledge, 1993.

BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. Londres, Routledge: 1990.

COMPTONS. **About Us**. 2023. Disponível em: https://www.comptonsofsoho.co.uk/comptons. Acesso em: 31 jun. 2023.

DOAN, P. L. Why plan for the LGBTQI+ Community?. *In:* DOAN, P. L. **Planning and LGBTQI+ Communities** The Need for Inclusive Queer Spaces. Nova Iorque: Routledge, 2015. p. 2-12.

DUYVES, Mattias, Geography of Amsterdam gay life. **Geografie**, v. 2, n. 2, p. 18-22, 1993.

GALLANT, Paul. **Amsterdam's most storied lesbian-run bar has gone back to its roots**. Pink Ticket, 28 de junho de 2023. Disponível em: https://pinktickettravel.com/2023/06/28/cafe-t-mandje-amsterdam-travel/. Acesso em: 02 fev. 2024.

GHAZIANI, Amin. Belonging in gay neighborhoods and queer nightlife. *In:* SAIDMAN, S.; FISCHER, N.; WESTBROOK, L. **Introducing the New Sexuality Studies**: Original Essays and Interviews: Abingdon: Routledge e Nova Iorque, 2022. p. 540-550

GHAZIANI, Amin. Measuring urban sexual cultures. **Theory and Society**, v. 43, n. 3-4, p. 371-393, 2014.

GHAZIANI, Amin. Sexual meanings, placemaking, and the urban imaginary, Cap. 24, p. 226-234. *In:* GRINDSTAFF, L., LO, M. M., HALL, J. R. **Routledge Handbook of Cultural Sociology Routledge**. Londres: Routledge, 2018.

GIRAUD, Colin. Les commerces gays et le processus de gentrification: l'exemple du quartier du Marais à Paris depuis le début des années 1980. **Métropoles,** v. 5, p. 79-115, 2009.

GIRAUD, Colin. Renouveler les approches de la gentrification: le cas de la “gaytrification”. In. AUTHIER, Jean-Yves; BOURDIN, Alain; LEFEUVRE, Marie-Pierre. **La Jeune sociologie urbaine francophone: Retour sur la tradition et exploration de nouveaux champs**. Lyon, França: Presses Universitaires de Lyon, p. 137-152, 2014. Disponível em: http://books.openedition.org/pul/4676. Acesso em: 03 fev. 2024.

GIRAUD, Colin. **Sociologie de la gaytrification. Identités homosexuelles et processus de gentrification à Paris et Montréal**. Tese de doutorado. Universidade Lumière Lyon 2, Faculdade de Antropologia e Sociologia: Lyon, 2010. Disponível em: http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2010/giraud_c/info. Acesso em: 03 abr 2020.

GRÉSILLON Boris, Faces cachées de l’urbain ou éléments de culture d’une centralité urbaine? Les lieux de la culture homosexuelle à Berlin, **L’espace géographique**, n. 4, p.301-313, 2000.

Guzman, Dianne de. **Legendary San Francisco Queer Bar the Stud Is Set to Return to a New Folsom Street Home**. Eater San Francisco. Disponível em: https://sf.eater.com/2023/9/5/23859810/the-stud-sf-lgbtq-bar-reopen. Acesso em: 10 fev. 2024.

HAHM, J.; RO, H.; OLSON, E. D. Sense of belonging to a lesbian, gay, bisexual, and transgender event: the examination of affective bond and collective self-esteem. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 35, n. 2, p. 244-256, 2018.

HEKMA, Gert. Amsterdam. **GLBTQ Archive**. 2015. Disponível em: http://www.glbtqarchive.com/ssh/amsterdam_S.pdf. Acesso em: 02 set. 2020.

HEKMA, Gert. Az amszterdami vendéglátóhelyek meleg kultúrája és a homoszexuális, illetve leszbikus identitás változásai. **Budapesti Negyed**, v. 55, p. 215-226, 2007.

HEKMA, Gert. **Roze rand van donker Amsterdam** de opkomst van een homoseksuele kroegcultuur 1930-1970. Amsterdam: Uitgeverij van Gennep BV, 1992.

HILDERBRAND, Lucas. The Bars Are Ours: Histories and Cultures of Gay Bars in America, 1960 and After. Duke University Press, 2024.

HUGHES, Howard. Gay men’s holiday destination choice: a case of risk and avoidance.**International Journal of Tourism Research**, v. 4, n. 4, p. 299-312, 2002.

HUMPHREYS, L. Tearoom trade: impersonal sex in public places. *In:* LEAP, W. L. **Public sex, gay space**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1999. p. 29-54.

KUKURA, Joe. Community Bands Together To Save Iconic SoMa Gay Bar The Stud After New Owners Hike Rent 150%. SFist, 04 julho 2016. Disponível em: https://sfist.com/2016/07/04/saving_the_stud. Acesso em: 31 jan. 2024.

LEROY, S. Le Paris gay. Éléments pour une géographie de l’homosexualité, **Annales de géographie**, n. 646, p.579-601, 2005.

MATTSON, Greggor. Are gay bars closing? Using business listings to infer rates of gay bar closure in the United States, 1977–2019. Socius, v. 5, p. 2378023119894832, 2019.

MATTSON, Greggor. Shuttered by the Coronavirus, Many Gay Bars–Already Struggling–Are Now on Life Support. **The Conversation**, 2020.

MATTSON, Greggor. The changing role of gay bars in American LGBTQI+ life. *In:* SAIDMAN, S.; FISCHER, N.; WESTBROOK, L. **Introducing the New Sexuality Studies**: Original Essays and Interviews: Abingdon: Routledge e Nova Iorque, 2022. p. 570-578.

MATTSON, Greggor. **Who needs gay bars?: bar-hopping through America's endangered LGBTQ+ places**. Stanford, California: Redwood Press, 2023.

MONTENEGRO, T. M. A cidade como marca: um estudo de juiz de fora sob a ótica do place branding. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**, v. 7, n. 2, p. 14-36, 2022.

NEVES, Christopher S. B. **Do descanso ao sexo: Um estudo das práticas hedonistas de lazer e prazer dos turistas gays**. 2020. 308 fls. Dissertação de Mestrado. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2020. https://hdl.handle.net/1884/73569

NUNAN, A. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

O'FURR, Path. **Frolic 'the original furry nightclub' to lose historic venue – community responds**. Dogpatch Press, 05 de julho de 2016. Disponível em: https://dogpatch.press/2016/07/05/frolic-furry-dance-lose-venue/. Acesso em: 02 fev. 2024.

PODMORE, J. A. 'Gone Underground'? Lesbian visibility and the consolidation of queer space in Montréal. **Social and Cultural Geography**, v. 7, p. 595-625, 2006.

PODMORE, J. A. Lesbians as village 'queers': the transformation of Montréal's lesbian nightlife in the 1990s. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 12, n. 2, p. 220-249, 2013.

POLLAK, M. L'homosexualité masculine: le bonheur dans le ghetto?. **Communications**, n. 35, p.37-55, 1982.

QUILLEY, S. Constructing Manchester's "New Urban Village": Gay Space and the Entrepreneurial City . *In:* INGRAM G. B.; BOUTHILLETTE A. M.; RETTER, Y. **Queers in Space**. Washington D.C.: Bay Press, 1997, p. 275-292.

ROGIER, Jam. Bet in memoriam. **Dialoog**, v. 5, p. 173, 1967.

ROSE, G. **Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SIBALIS, M. Urban space and Homosexuality: the example of the Marais, Paris' gay ghetto. **Urban Studies**, v. 41, n. 9, p. 1739-1758, 2004.

SLEUTJES, Martin. **Bet van Beeren**. With Pride. Disponível em: https://withpride.ihlia.nl/story/bet-van-beeren/. Acesso em: 09 fev. 2024.

THE STUD. **About. The Stud is Coming Back… But We Need Your Help!** 2023. Disponível em: https://www.studsf.com/about. Acesso em: 02 fev. 2024.

THE WHITE HOUSE. **Presidential Proclamation -- Establishment of the Stonewall National Monument**. President Barack Obama, 24 de junho de 2016. Disponível em: https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/06/24/presidential-proclamation-establishment-stonewall-national-monument. Acesso em: 02 fev. 2024.

TRAVEL GAY. **Comptons of Soho**. 2012. Disponível em: https://www.travelgay.pt/venue/comptons-of-soho. Acesso em: 02 fev. 2024.

CAPÍTULO 2

O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA CIDADE DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Data de submissão: 04/08/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Amanda Pereira Santos
Universidade Federal de Goiás
Goiânia – Goiás
http://lattes.cnpq.br/8875865177805924

RESUMO: A cidade de Alto Paraíso de Goiás é um destino turístico cada vez mais procurado por visitantes do Brasil e do mundo, graças à sua rica biodiversidade e belezas naturais, como cachoeiras, rios, trilhas e sua cultura local. Porém, o desenvolvimento do turismo na região traz consigo desafios a serem enfrentados, como a preservação ambiental, a infraestrutura turística e a qualificação da mão de obra local. Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento do turismo em Alto Paraíso de Goiás. A metodologia adotada será a pesquisa de artigos científicos sobre o tema, com análise qualitativa dos dados coletados, considerando seus aspectos socioeconômicos e ambientais. A revisão bibliográfica busca contribuir para o entendimento do processo de desenvolvimento do turismo na cidade de Alto Paraíso de Goiás, identificando seus principais desafios e oportunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo. Alto Paraíso de Goiás. Chapada dos Veadeiros.

THE DEVELOPMENT OF TOURISM IN THE CITY OF ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

ABSTRACT: The city of Alto Paraíso de Goiás is an increasingly popular tourist destination for visitors from Brazil and around the world, thanks to its rich biodiversity and natural beauty, such as waterfalls, rivers, trails, and local culture. However, the development of tourism in the region brings with it challenges to be faced, such as environmental preservation, tourism infrastructure, and the qualification of the local workforce. This paper aims to conduct a literature review on the development of tourism in Alto Paraíso de Goiás. The adopted methodology will be the research of scientific articles on the subject, with qualitative analysis of the collected data, considering its socio-economic and environmental aspects. The literature review seeks to contribute to the understanding of the tourism development process in the city of Alto Paraíso de Goiás, identifying its main challenges and opportunities.

KEYWORDS: Tourism. Alto Paraíso de Goiás. Chapada dos Veadeiros.

1 I INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade econômica que vem crescendo em todo o mundo, especialmente em cidades que possuem atrativos naturais e culturais. No Brasil, essa atividade tem se tornado cada vez mais importante para o desenvolvimento de diversas regiões, gerando emprego e renda para a população local.

Nesse sentido, a cidade de Alto Paraíso de Goiás, no interior do estado de Goiás, desponta como um destino turístico cada vez mais procurado por visitantes de todo o país e do mundo.

O turismo em Alto Paraíso de Goiás tem como principal atrativo a Chapada dos Veadeiros, que possui uma rica biodiversidade e belezas naturais, como cachoeiras, rios, trilhas, além de possuir uma rica cultura local.

Com o aumento do número de visitantes vindos de outras regiões, a cidade vem se desenvolvendo como um importante destino turístico, gerando emprego e renda para a população local.

No entanto, o desenvolvimento do turismo em Alto Paraíso de Goiás também traz consigo alguns desafios e problemas a serem enfrentados, como a preservação ambiental, a infraestrutura turística, a qualificação da mão de obra local, entre outros.

Diante desses desafios, é importante compreender o processo de desenvolvimento do turismo na cidade e seus impactos sociais, econômicos e ambientais.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento do turismo na cidade de Alto Paraíso de Goiás, a partir da análise de artigos científicos publicados sobre o tema.

Para tanto, serão realizadas buscas em bases de dados eletrônicas, como SciELO, Google Scholar e CAPES, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema. A leitura dos trabalhos já existentes servirá de base para a revisão bibliográfica.

A metodologia adotada para a realização deste trabalho será revisão bibliográfica de artigos científicos e trabalhos acadêmicos sobre o tema, com análise qualitativa das informações coletadas, considerando seus aspectos socioeconômicos e ambientais, a partir de uma análise crítica dos autores.

Assim, este trabalho busca contribuir para o entendimento do processo de desenvolvimento do turismo na cidade de Alto Paraíso de Goiás, identificando seus principais desafios e oportunidades, e discutindo possíveis soluções para um desenvolvimento sustentável do turismo na região.

A partir dessa revisão bibliográfica, espera-se fornecer subsídios para a elaboração de políticas públicas que incentivem e promovam o turismo na cidade de maneira sustentável, com benefícios tanto para a população local quanto para os visitantes.

2 | DESENVOLVIMENTO

Localizada no estado de Goiás, no Centro-Oeste do país, Alto Paraíso de Goiás é conhecida por sua diversidade de belezas naturais, como cachoeiras, rios, trilhas, além de possuir uma rica cultura local.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada da cidade em 2021 era de apenas 7.751 pessoas. Em estudo do Observatório do Turismo do Estado de Goiás no ano de 2020, foi apontado que o total estimado de visitantes em 2019 foi de 642.911 pessoas, o que é um número significativo.

O turismo na região teve início na década de 1980, quando a cidade começou a atrair visitantes interessados em conhecer as belezas da Chapada dos Veadeiros. Desde então, a cidade vem se desenvolvendo como um importante destino turístico e se tornando uma opção cada vez mais popular entre os turistas.

Alto Paraíso de Goiás é famosa por ser uma cidade que atrai muitos turistas interessados em práticas místicas e espirituais. A região possui paisagens naturais impressionantes, que atraem muitos adeptos de práticas holísticas, espiritualidade e meditação. Essas práticas são frequentemente associadas a tradições indígenas e xamânicas, que têm uma presença significativa na região.

A cidade também é popular por ser um centro de ufologia e por ter uma história rica em avistamentos de OVNIs (Objetos Voadores Não Identificados). Esse aspecto místico e ufológico da cidade atrai muitos visitantes curiosos, assim como estudiosos e pesquisadores que buscam investigar esses fenômenos.

Além disso, a cidade é conhecida por sediar eventos e festivais relacionados à espiritualidade, meditação, yoga e outras práticas holísticas. Esses eventos possuem um público diverso, incluindo praticantes experientes e iniciantes que buscam aprender mais sobre essas práticas.

De acordo com Pugas (2017, p. 13):

> O Polo Chapada dos Veadeiros tornou-se nos últimos anos um dos destinos de natureza mais procurados do Estado de Goiás. O aumento do fluxo turístico tem sido motivado principalmente pela busca do relaxamento, visita às cachoeiras, misticismo, espiritualidade e contato com a natureza. Os atrativos naturais configuram-se como principais fatores de motivação do turista que visita essa região. Os segmentos de ecoturismo, turismo de aventura e o turismo cultural, são os que possuem maior crescimento e potencial para se desenvolverem ainda mais.

O turismo tem sido um dos principais impulsionadores do desenvolvimento econômico em Alto Paraíso de Goiás nas últimas décadas. A cidade tem se destacado como um destino turístico crescente, com visitantes de todo o Brasil e do mundo, graças à sua rica biodiversidade e belezas naturais, como as cachoeiras, rios e trilhas em meio ao Cerrado.

Com o aumento do turismo na região, houve um forte crescimento do setor de serviços, como hospedagem, alimentação, transporte e guias turísticos. O aumento da demanda por esses serviços tem gerado oportunidades de negócios e empregos locais, impulsionando a economia da cidade.

Além disso, o turismo em Alto Paraíso de Goiás tem levado ao desenvolvimento de novas infraestruturas, como pousadas, restaurantes e lojas, que contribuem para o crescimento econômico da cidade.

A preservação ambiental também tem se tornado uma preocupação cada vez maior, levando ao surgimento de novas oportunidades de negócios relacionados à sustentabilidade e ao ecoturismo.

Os autores Salgado, Viana e Aragão (2014, p. 89) afirmam que:

> o turismo em Alto Paraíso de Goiás assume importante papel na economia local, seja pela movimentação do comércio ou pela geração de empregos diretos, indiretos e sazonais. A movimentação da economia local pode ser percebida pelas informações coletadas junto aos comerciantes, proprietários de meios de hospedagens e prestadores de serviços, o que também comprova o potencial turístico do município.

No entanto, o desenvolvimento do turismo na região também apresenta desafios, como a necessidade de garantir a preservação ambiental e a sustentabilidade a longo prazo, além de promover a qualificação da mão de obra local e garantir a inclusão social e a equidade na distribuição dos benefícios do turismo.

Assim como em outras partes do Brasil, a desigualdade social também é um desafio em Alto Paraíso de Goiás. Apesar do crescimento econômico impulsionado pelo turismo na região, a distribuição desse desenvolvimento nem sempre é equitativa.

Uma das principais fontes de desigualdade em Alto Paraíso de Goiás é a concentração de renda e de oportunidades em mãos de uma pequena parcela da população.

Muitos dos benefícios do turismo, como empregos e oportunidades de negócios, estão concentrados em algumas áreas da cidade, enquanto outras regiões e comunidades podem ficar excluídas. Em pesquisa no portal do IBGE, vemos que apenas 20,9% da população está ocupada em trabalhos formais, com renda média de 1,4 salários mínimos.

Além disso, a população local muitas vezes enfrenta dificuldades para acessar serviços básicos, como saúde, educação e transporte público de qualidade. A falta de investimentos nessas áreas pode agravar ainda mais a desigualdade social na cidade.

A desigualdade social em Alto Paraíso de Goiás também pode ser agravada pela falta de políticas públicas efetivas para lidar com o problema. É necessário que haja um esforço conjunto do poder público, da iniciativa privada e da sociedade civil para promover a inclusão social e a equidade na distribuição dos benefícios do turismo e do desenvolvimento econômico na região.

Conforme apontado por Gentile, Franco e Sayago (2016, p. 175):

> A cidade de Alto Paraíso, apesar de ser amplamente conhecida como lugar de lazer e turismo, apresenta contradições materiais marcantes: enquanto a rua principal conduz o visitante entre duas alas de prédios coloridos e bem cuidados, que hospedam restaurantes, lojas de lembrancinhas e cristais, pousadas, bancos e sorveterias, com arredores de casas, pousadas, prédios públicos e algum comércio, bem cuidados; há outra metade da cidade, onde o turista não precisa nem tem ocasião de adentrar, que abriga as existências "invisibilizadas" da população mais pobre. Como testemunhado pelo responsável da Secretaria Municipal da Rede de Proteção Social de Alto Paraíso, longe das 'vitrines' do centro, em bairros como Novo Horizonte e Paraisinho, as casas inacabadas, os telhados de lata, as carcaças de carros nos quintais sujos, são muito comuns, assim como são comuns as situações de marginalidade e carência (tráfico de drogas, toxicodependência, microcriminalidade, abandono escolar, abandono de menores por parte de país presos etc.). Não obstante isso, de alguma forma, é possível afirmar que a vocação turística envolve, envolveu e tem chance de envolver cada vez mais essa porção da população, proporcionando-lhe oportunidades. Alguns dos moradores desses bairros conseguiram melhorar a sua condição de vida achando emprego em restaurantes e pousadas, por exemplo.

Dessa forma, embora o turismo tenha contribuído positivamente com o crescimento econômico e desenvolvimento da cidade, existem problemas relacionados à desigualdade social. Uma grande parte da população passa por dificuldades financeiras e não possui oportunidades para transformar a realidade em que vive.

Portanto, a desigualdade social é um desafio em Alto Paraíso de Goiás, que requer uma abordagem holística para garantir que todos os membros da sociedade tenham acesso a oportunidades e benefícios do desenvolvimento econômico e turístico da região.

3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o turismo tem se mostrado uma importante fonte de desenvolvimento econômico em Alto Paraíso de Goiás, atraindo visitantes do Brasil e do mundo para apreciar as belezas naturais da região e a cultura local. Esse fluxo turístico tem gerado empregos e renda para muitos moradores da cidade, bem como para a região ao seu redor.

No entanto, o desenvolvimento do turismo também traz consigo desafios a serem enfrentados, como a preservação ambiental, a infraestrutura turística e a qualificação da mão de obra local. É fundamental que as atividades turísticas sejam gerenciadas de forma sustentável, a fim de proteger a biodiversidade da região e garantir que ela continue atraindo turistas no futuro.

Além disso, a desigualdade social em Alto Paraíso de Goiás também é uma questão importante que precisa ser abordada. É preciso garantir que todos os membros da sociedade possam se beneficiar do desenvolvimento do turismo, e que o crescimento econômico seja distribuído de forma mais equitativa entre todas as regiões e comunidades da cidade.

Para que o turismo continue a ser uma fonte de desenvolvimento econômico e social em Alto Paraíso de Goiás, é fundamental que haja um esforço conjunto do poder público,

da iniciativa privada e da sociedade civil para promover a sustentabilidade, a inclusão social e a equidade na distribuição dos benefícios do turismo e do desenvolvimento econômico na região.

Somente assim será possível garantir que o turismo seja uma atividade que beneficie a todos, sem comprometer a rica biodiversidade e a cultura local que tornam Alto Paraíso de Goiás um destino turístico tão especial.

REFERÊNCIAS

GENTILE, Chiara; FRANCO, José Luiz de Andrade; SAYAGO, Doris Aleida Villamizar. **Um Modelo de Capacitação Rumo à Sustentabilidade: Os guias de Alto Paraíso de Goiás - Chapada dos Veadeiros (GO).** Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science, v. 5, p. 168-185, jan-jun 2016.

Observatório do Turismo de Goiás. **Estudo Estratégico: Cidades do Estado de Goiás mais visitadas.** 2020.

PUGAS, Lays da Silva. **Diagnóstico do planejamento turístico na Chapada dos Veadeiros com ênfase em Alto Paraíso de Goiás.** Universidade de Brasília, 2017.

SALGADO, Tathiana Rodrigues; VIANA, Juheina Lacerda Ribeiro; ARAGÃO, Ana Luíza Santana. **Impactos da atividade turística à economia municipal de Alto Paraíso de Goiás, Brasil.** Mercator, Fortaleza, v. 13, p. 75-91, set/dez 2014.

CAPÍTULO 3

O "BAILÃO" NO DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E NA CONSUBSTANCIAÇÃO DE DIREITOS CULTURAIS

Data de submissão: 13/09/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Henrique Balduvino Saft Dutra
http://lattes.cnpq.br/2494888371986876

RESUMO: Este artigo possui como finalidade discorrer acerca das contribuições do "bailão", enquanto estilo musical típico do Rio Grande do Sul, no desenvolvimento sociocultural do Estado, como também na consumação de direitos culturais, estampados na Constituição Federal. Observou-se que o conceito de "bailão" reporta-se não só à festa ou reunião de pessoas para dançar, como também ao gênero musical dançante, típico do Sul do Brasil, cuja origem remonta ao início do século XIX com a chegada de imigrantes alemães à Região. Outrora, o estilo musical limitava-se a preservar a identidade étnica e a cultura alemã. Atualmente, as transformações decorrentes dos avanços na área de comunicação acabam por ditar as tendências do cenário musical. Não foi diferente em relação ao "bailão", que traz consigo a influência de outros estilos musicais, tratando de temas como infidelidade e desilusão amorosa, sendo o estilo musical mais executado, na atualidade, nas rádios do Sul do Brasil. O "bailão" reúne diferentes públicos, perpassando desde os adolescentes até a "terceira idade", que contempla no baile a possibilidade de desenvolver uma identidade mais participativa com o seu entorno social. Percebe-se a relação existente entre o "bailão" e os direitos à cultura e ao lazer, estando este relacionado a um estado de liberdade e de prazeres, visto que as pessoas contemplam no "bailão" a possibilidade de esquivar-se de suas responsabilidades laborais e desenvolver-se (pessoal e interpessoalmente). Dessa maneira, a preservação do estilo musical dependerá da possibilidade de reinventar-se e adequar-se ao contexto e aos novos personagens que nele se inserem, tendo em vista a necessidade de alcance de novos públicos.
PALAVRAS-CHAVE: Bailão. Rio Grande do Sul. Sul.

ABSTRACT: This article aims to discuss the contributions of "bailão", as a typical musical style of Rio Grande do Sul, in the socio-cultural development of the State, as well as in the consummation of cultural rights, enshrined in the Federal Constitution. It was observed that the concept of "bailão" refers not only to the party or gathering of people

to dance, but also to the dancing musical genre, typical of the South of Brazil, whose origin dates back to the beginning of the 19th century with the arrival of immigrants Germans to the Region. In the past, the musical style was limited to preserving ethnic identity and German culture. Currently, the transformations resulting from advances in the area of communication end up dictating the trends in the music scene. It was no different in relation to “bailão”, which brings with it the influence of other musical styles, dealing with themes such as infidelity and heartbreak, being the most performed musical style today on radio stations in the South of Brazil. The “bailão” brings together different audiences, ranging from teenagers to the “third age”, who contemplate in the dance the possibility of developing a more participatory identity with their social surroundings. The relationship between the “bailão” and the rights to culture and leisure can be seen, which is related to a state of freedom and pleasures, as people contemplate in the “bailão” the possibility of avoiding their responsibilities work and develop (personally and interpersonally). In this way, the preservation of the musical style will depend on the possibility of reinventing itself and adapting to the context and the new characters that are inserted into it, given the need to reach new audiences.
KEYWORDS: “Bailão”. Rio Grande do Sul. South.

INTRODUÇÃO

A música e a dança desempenham importante papel na relação entre cultura e sociedade, constituindo elementos que refletem os credos, valores e a identidade de um determinado entorno social. Ademais, é cientificamente comprovada a sua capacidade de provocar sentimentos e emoções, influenciando na formação de diferentes aspectos da cultura local e regional e no desenvolvimento de relacionamentos interpessoais. Nessa senda, o “bailão” está entre os estilos musicais mais encontrados no Sul do Brasil, também conhecido como “bandinha” ou “marchinha”, e que foi influenciado, especialmente, pelos imigrantes alemães que ali chegaram no início do século XIX, apresentando diversos elementos que contribuem no entendimento dos hábitos e costumes da comunidade local.

À vista disso, surge o seguinte questionamento: quais as principais contribuições do “bailão” no desenvolvimento sociocultural do Estado do Rio Grande do Sul, assim como na consumação dos direitos à cultura e lazer?

O presente artigo apresenta como finalidade analisar, à luz de bibliografias e documentos atinentes à temática em estudo, de que forma o “bailão” inspirou o processo de desenvolvimento sociocultural do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda, pretende o discente possibilitar um melhor entendimento relativamente ao estilo musical e seu surgimento no Estado do Rio Grande do Sul, as principais bandas que representam o estilo musical, avocando (inclusive) letras de músicas representativas do estilo, e os conceitos de cultura e lazer, aspectos que refletem na associação de diferentes fundamentos históricos, legislativos e doutrinários no desenvolvimento do estudo.

MÉTODOS E MATERIAIS

Valeu-se o presente artigo do método de abordagem hipotético-dedutivo, e a pesquisa (científica) caracteriza-se como descritiva, por meio da seleção de bibliografias, artigos científicos e documentos afins à temática estudada, leitura e fichamento do material e, ao final, exposição dos resultados, em que o autor apanhará e analisará as informações coletadas, promovendo-se um diálogo entre diferentes autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compulsando o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2024), entende-se "bailão" como "reunião festiva cujo fim principal é a dança", podendo também se reportar à "dança descontraída, alegre e festiva".

Por seu turno, o "baile", consoante Câmara Cascudo (1972, p. 129) em "Dicionário do Folclore Brasileiro", refere-se à "dança, reunião de danças, bailado. [...] O baile paulista, mineiro e do Rio Grande do Sul era o Fandango, com suas incontáveis partes."

Da leitura do excerto, percebe-se que o conceito de "bailão" remete não só à festa ou reunião de pessoas para dançar, como também ao gênero musical dançante, típico da Região Sul do Brasil, geralmente composto por instrumentos de sopro, também conhecido como "bandinha" ou "marchinha".

A propósito, reportagem veiculada no Jornal Zero Hora (2016) assinala que, "apesar da popularidade, o estilo musical [...] não tem um nome definido – banda, bandinha, bailão, bandas de baile e até bandanejo estão entre as nomenclaturas usadas informalmente para se referir ao gênero que representam."

Em que pese não exista consenso entre os autores em relação à terminologia a ser usada, é inconteste que o gênero musical perpassou por transformações decorrentes dos avanços na área de comunicação, que obrigou as bandas a buscar diferenciais competitivos que permitam sua sobrevivência no cenário musical e que possam acompanhar as tendências definidas pelas produtoras musicais.

De se destacar que as bandas de música assomaram-se como bandas marciais, estando relacionadas à atividade militar, em locais como o Egito Antigo, Roma e Oriente Médio. Porém, a origem do gênero musical "bailão" (como conhecido atualmente) remonta ao início do século XIX com a chegada de imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos em diferentes áreas da Região Sul do Brasil, que o introduziram como meio de preservação das culturas e das identidades étnicas e, paralelamente, de promover (e aprimorar) relacionamentos sociais. A propósito, a discussão dá-se em momento oportuno, uma vez que, em 2024, comemoram-se os 200 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, mais precisamente no Município de São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul. Entretanto, "os estilos e ritmos adotados pelas 'bandinhas' traziam diferentes origens, incluindo matizes eslavas, ibéricas, platinas e, em grande medida, brasileiras."

(STAMBOROSKI JÚNIOR, 2011).

No tocante aos instrumentos utilizados pelas bandas, embora utilizem, normalmente, instrumentos de sopro e percussão, "ao longo dos séculos XIX e XX, os instrumentos foram adaptados na medida em que foram se tornando cada vez mais modernos e performáticos." (COSTA, 2011, p. 255).

Historicamente, o "bailão" ficou restrito à Região Sul do Brasil; entretanto, com a expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), como também das casas de *shows* e baladas, o estilo musical reinventou-se, dando azo ao desenvolvimento de datas comemorativas e festividades temáticas, que perpetuam a cultura alemã. Entrementes, assomaram-se os bailes do *chopp*, que, posteriormente, deram origem à *Oktoberfest*. A propósito, a *Oktoberfest* foi criada em 1984 no Município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, e, atualmente, está também presente em vários outros Municípios da Região Sul, como Itapiranga, Brusque e Timbó no Estado de Santa Catarina, Marechal Cândido Rondon, Pato Bragado e Ponta Grossa no Estado do Paraná, e Santa Cruz do Sul, Igrejinha, São Lourenço do Sul, Santa Rosa, Cerro Largo e Doutor Maurício Cardoso no Estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma festa realizada anualmente no mês de outubro, como o próprio nome indica, e que reúne danças e pratos típicos, apresentações de bandas e que está principalmente direcionada ao consumo de *chopp*, sendo (inclusive) um atrativo turístico nos Municípios. (KAISER; SANTANNA; SCHEMES, 2023, p. 2).

Outra festividade em que presente o estilo musical é o chamado baile de *kerb* ou festa de *kerb*, realizado anualmente em diversos Municípios do Sul do Brasil, e que, inicialmente, teve como finalidade celebrar a colheita. Há que se observar que "cada cidade realiza o *kerb* à sua maneira. Há, porém, alguns ingredientes comuns a todas as festas: a missa, nas comunidades católicas; os bailes, que podem durar três ou até cinco dias seguidos; muita comida típica [...] e o indispensável chope." (FOCHESATTO, 2016, p. 17).

Entre as principais bandas que representam o estilo "bailão", pode-se mencionar Os Atuais, Rainha Musical, Corpo e Alma, San Marino, Brilha Som, Portal da Serra, Porto do Som, Passarela, San Francisco, Indústria Musical, Musical JM, Danúbio Azul, Banda Legal, Flor da Serra, Champion, Grupo Momentos, Terceira Dimensão, Musical Calmon e Os Montanari.

Faz-se mister indicar a fundação da Banda Os Atuais em 1968 no Município de Tucunduva, Estado do Rio Grande do Sul, como um marco histórico do estilo musical, que "redefiniu a música germânica produzida no Sul, [...] que transformou o 'som das bandinhas' no 'pop do Sul', [...] e inseriram ritmos e estilos *pop* às marchinhas alemãs, criando um novo gênero musical." A esse respeito, a banda, que possui entre os seus maiores sucessos canções como "Barco do Amor", "Fim de Semana", "Rosto Desmaquiado", "Morena de 15 Anos", "Amada Minha", "Alice" e "Rio Azul", teve canções gravadas por artistas de renome nacional como Rick e Renner e Márcia Ferreira. (STAMBOROSKI JR., 2011).

Ao discorrer acerca do estilo musical "bailão", não se pode deixar de falar também

sobre a Banda Rainha Musical, fundada em 1920 no Distrito de Vale Real, Município de São Sebastião do Caí, Estado do Rio Grande do Sul, que, inicialmente "era um grupo instrumental, que tocava músicas típicas das colônias alemãs e italianas. Depois, incorporou um repertório próprio e virou referência no chamado universo das bandas de baile". A banda possui entre os seus maiores sucessos canções como "Minha Rainha", "Eterno", "Quero Te Encontrar", "Cisco no Olho", "É Bem Seu Papel", "Do Luxo Pro Lixo", "Porre de Amor" e "Guardanapo". (BARROS, 2022).

Na mesma seara, a Banda Corpo e Alma, fundada em 1971 no Município de Três de Maio, Estado do Rio Grande do Sul, "apresenta diversos estilos em suas gravações, porém a banda identifica-se com o ritmo da *katchaka*", que se originou da cúmbia colombiana e da cúmbia sonidera (mexicana). A banda possui entre os seus maiores sucessos canções como "Perigosa e Linda", "Alô, Meu Amor", "Bandida", "Aquela dos Olhos Negros", "É Mais que uma Mulher", "Katchakeira", "Mentirosa" e "Novela das Oito". (MGT RÁDIO, 2012).

Já a Banda San Marino, fundada em 1985 no Município de Santa Rosa, Estado do Rio Grande do Sul, "conta com 17 álbuns, um DVD gravado ao vivo na Argentina, três discos de ouro (conquistados consecutivamente) e, em 2009, recebeu o troféu Vitor Mateus Teixeira 'Teixeirinha' na categoria melhor grupo de baile", A banda possui entre os seus maiores sucessos canções como "Foto 3X4", "Ele Te Trai", "Preciso Te Falar", "Página Virada", "Coração de Pedra", "Mulher Transgênica" e "Bala Trocada" e "Essa Cama Eu Não Vendo" e teve canções gravadas por artistas de renome nacional como Guilherme e Santiago e Gilberto e Gilmar. (RZ PROMOÇÕES E EVENTOS, 2022).

Por sua vez, a Banda Brilha Som, fundada em 1989 no Município de Feliz, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como "A Lua e a Noite", "Querida Amiga", "Cama Vazia", "Chuva Cai", "Soy Latino Americano" e "Asa Quebrada".

A Banda Portal da Serra, fundada em 2001 no Município de Tupandi, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como "Eu, Você e Ela", "Seu Polícia", "Dois Loucos de Amor", "Taxista" e "Liga Lá em Casa".

A Banda Porto do Som, fundada em 1999 no Município de Feliz, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como "Me Leva Pra Tua Casa", "5 Dias", "Talvez Seja Amor", "Salada de Frutas" e "Coração de Lata".

A Banda Passarela, fundada em 1995 no Município de Erechim, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como "Te Amo e Te Odeio", "Alô Segurança", "Faz de Conta", "Te Amo", "Amiga.com", "Fique", "Bar da Esquina" e "Quarto 12".

O Musical San Francisco, fundado em 1983 no Município de Cunha Porã, Estado de Santa Catarina, possui entre os seus maiores sucessos canções como "O Amigo", "Um Homem Quando Chora", "Diga Locutor", "O Garçom e Dois Apaixonados", "Tá Rolando Um Flashback", "Você Merece o Oscar" e "Chorei de Saudade".

A Banda Indústria Musical, fundada em 2002 no Município de Cerro Largo, Estado

do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Resposta”, “Alô, É da Rádio”, “Vamos Beber Hoje” e “Vem Tirar a Minha Liberdade”.

O Musical JM, fundado em 1990 no Município de Parobé, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Pegando o Ônibus”, “Primeiro Baile”, “O Último Baile”, “Amor Mafioso”, “Beijo com Cerveja” e “Risque Meu Nome”.

A Banda Danúbio Azul, fundada em 1968 no Município de Crissiumal, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Caso Marcado”, “Fora de Controle”, “Lua”, “É Bonita e Bandida” e “Tá Tudo Bem Que Nada”.

A Banda Legal, fundada em 1999 no Município de Boa Vista do Buricá, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Apartamento Vazio”, “Vidas Traçadas”, “Tô Caindo Fora”, “Pode Perdoar”, “Mereço Mais Carinho”, “Manda Ela Embora” e “Vou Beber a Minha e a Dela”.

A Banda Flor da Serra, fundada em 1921 no Município de Portão, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “No Banco do Carro”, “Sábado Eu Vou” e “Uma Mulher Quando Ama”.

A Banda Champion, fundada em 1990 no Município de Montenegro, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Você Me Tira do Ar”, “Batom 24 Horas”, “Direto ao Assunto”, “Toma Juízo Menina” e “Endereço Errado”.

O Grupo Momentos, fundado em 1991 no Município de Boa Vista do Buricá, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Judia de Mim”, “Almas Gêmeas”, “Quem Dera Ser Eu” e “Langerys”.

A Banda Terceira Dimensão, fundada em 1976 no Município de Horizontina, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Vou Pra Santa Catarina”, “Maria Tcha Tcha Tcha”, “Casar Não é Comigo”, “Nosso Amor Terminou”, “Sereia” “Padre” e “Caramba, Que Baile Bom”.

O Musical Calmon, fundado em 1990 no Município de Crissiumal, Estado do Rio Grande do Sul, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Duas Vidas em um Só Coração”, “Ao Sul do Meu Coração”, “Baby, Chama Que Eu Vou” e “Terceiro Amante”.

A Banda Os Montanari, fundada em 1958 no Município de Concórdia, Estado de Santa Catarina, possui entre os seus maiores sucessos canções como “Heyo Heyo”, “Melô do Rolo”, “Zic Zac”, “O Gosto Doce da Paixão” e “O Verão Sempre Vai Voltar”.

Não se pode desprezar as contribuições do rádio no fortalecimento do estilo musical, mormente a partir da década de 1970, período também marcado pelo processo de migração de pessoas das áreas rurais para as cidades (êxodo rural). A sobrevinda do rádio foi responsável por estreitar relações, entreter as pessoas e, nomeadamente, promover a cultura (local e regional). O rádio é a principal fonte de descoberta de novos artistas e músicas, que “não apenas desempenhou um papel fundamental na consolidação da música popular brasileira ao longo do século XX, como continua a exercer uma importante influência sobre os seus rumos.” (VICENTE; DE MARCHI; GAMBARO, 2016, p. 457).

A Constituição Federal de 1988 reconheceu o Estado Democrático de Direito no Brasil, assentado, entre outras coisas mais, em um sistema de direitos fundamentais, aí compreendidos os direitos individuais, coletivos, sociais e culturais. Acerca dos direitos culturais, sua implementação recai sobre o Estado, sendo que, nos termos do artigo 215 da Constituição Federal, “Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988).

Ademais, a Constituição Federal define que “Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação.” e que “Art. 24. Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre: [...] IX - educação, cultura, ensino, desporto, ciência, tecnologia, pesquisa, desenvolvimento e inovação.” (BRASIL, 1988).

A cultura consiste em direito fundamental de segunda geração (direitos sociais), que está também presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que prevê que “Artigo 27. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 também estabelece que “Artigo 22. Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, [...] dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

A Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de 2002 antevê que “a defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2002).

Entretanto, há que se observar que o direito à cultura deve ser analisado a partir de uma visão macro normativa. Guilherme Varela (2014) disserta em sua obra que o direito à liberdade cultural está relacionado à liberdade de desenvolvimento artístico e à liberdade poética, “que permitem o respeito à dignidade, a partir do reconhecimento da identidade do indivíduo e o aproveitamento de suas qualidades.”

Relativamente ao conceito de cultura, oportuna é a transcrição de passagem da obra de Edward Burnett Tylor (*apud* Laraia, 2006, p. 25), que afirma que “tomando em seu amplo sentido etnográfico (cultura), é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, sustentando, ainda, a existência de uma escala evolutiva de progresso cultural percorrida pelas sociedades.

Por seu turno, Clifford Geertz (1973, p. 46) entende a cultura como pressuposto da existência e experiência humanas, sendo também "aquilo que nos fornece uma finalidade para quê, para quem e como viver, que se manifesta nos laços afetivos, nos relacionamentos, nas memórias, nos parentescos, nos lugares que gostamos de ir (bailes e matinês), na vida em comunidade [...] e no prazer intelectual."

Acentua-se que a cultura é dinâmica; em outras palavras, sofre influências, tanto internas (que acontecem dentro do próprio círculo social) quanto externas (derivadas do contato entre diferentes círculos sociais). É sabido que, desde os primórdios da humanidade, os seres humanos procuram se aprimorar por meio da comunicação e da escrita, que, inclusive, é representada nas pinturas rupestres, que remontam aos tempos do "homem das cavernas". Muitos eventos marcam a evolução dos seres humanos e, mormente, da cultura (imprensa, rádio, cinema, computadores, entre outros), aí incluída a música, notadamente por meio das redes sociais, que incutiram um novo processo de socialização e contribuíram no desenvolvimento e aprimoramento de determinados estilos musicais, possibilitando o alcance de novos públicos.

Não foi diferente em relação ao "bailão". Outrora, o estilo musical limitava-se a abordar temas que denotam a identidade étnica e a cultura alemã, representados em letras bem-humoradas, a exemplo da música "Melô do Rolo", gravada pela Banda Os Montanari. A música descreve um momento de surpresa em uma festa com a chegada de uma garota vestida de minissaia e sandália e com um andar particular que levanta suspeitas entre os presentes. A música também se vale de elementos onomatopeicos, como "trique-traque" e "zique-zaque", que lembram movimentos dançantes e animados, típicos de um baile.

Estava numa festa boa, hey lari lari
Muita gente, chopp a beça, hey lari lari
Foi quando entrou uma garota, hey lari lari
Todo mundo então olhou e se admirou
Olha ali, olha lá, olha lá lá lá lá lá

De minissaia
De sandália
Que gracinha ela chegou
Fica encaixa
Trique-traque
Zique-zaque
Hoy hoy hoy
O seu jeito de andar
A turma desconfiou

Com certeza essa menina

Fala grosso, sim senhor

De minissaia

De sandália

Que gracinha ela chegou

Fica encaixa

Trique-traque

Zique-zaque

Hoy hoy hoy. (SOARES, 2024).

Da mesma forma, a música “Barril de Chopp”, gravada pela Banda Ghermania, trata da alegria e descontração características de ambientes festivos, como bailes do *chopp* e *Oktoberfest*. A música evidencia que a quantidade de *chopp* disponível nunca é suficiente para saciar a sede dos participantes.

Um Barril de Chopp, é muito pouco para nós!

Dois Barris de Chopp, é muito pouco para nós!

Três Barris de Chopp, é muito pouco para nós!

Quatro Barris de Chopp, cinco seis sete oito nove dez! (SCHLÖLER; VEJVODA, 2024).

Hoje, o “bailão” traz consigo a influência de outros estilos musicais, a exemplo do *pop*, do piseiro e do sertanejo, tratando de temas como infidelidade, desilusão amorosa, sofrimento, embriaguez e sexualidade. Pode-se indicar o exemplo da música “Porre de Amor”, gravada em 2015 pela Banda Rainha Musical, que descreve um diálogo entre dois amigos em um bar, sendo que um deles está perturbado pelo término de um relacionamento amoroso e busca afogar as suas mágoas na bebida.

Já que mandou me preparar

Manda vir mais uma que hoje eu vou pagar

Eu sei que essa conversa pode demora, pode desabafar

Amigo eu amo esta mulher

E a cada gole de cerveja a tristeza cresce

Invés de acabar a decepção aumenta

A dor não quer passar

Não era pra ser assim

Porque eu te avisei para não se entregar

Se ela te deixou sem nem uma explicação, te alertei

Não sei se eu me levanto amigo

Ou me mato de vez...

Não deixa esta tristeza te contaminar

As lágrimas são minhas, dividir não dá

Eu te chamei amigo porque eu sei bem

Você sabe me ouvir como ninguém

Sei que eu não posso te tirar a dor

Mas posso aliviar te faço esse favor

Pode mandar mais uma e põe na minha conta

Eu vou brindar contigo esse porre de amor.

(PADILHA; PEZAK, 2024)

Da mesma forma, gravada em 2024 pela Banda Rainha Musical, a música "Tiro de 12" também aborda a desilusão amorosa e a infidelidade, valendo-se metáforas que reproduzem o impacto arrasador que o adultério teve sobre o intérprete.

A cidade já dormiu

Eu ainda to acordado

Abrindo a décima garrafa

E a terceira carteira de cigarro

Quem foi meu maior orgulho

Se tornou minha maior decepção

Então, o fígado que me perdoe

Mais a culpa é do coração

Quem me enganou dizia que me amava

Tô bebendo é de raiva

Tá doendo e não é pouco

Deve tá lá grudada na boca de outro

Que pancada me deixou no chão

Foi um tiro de 12 no meu coração. (FERRARI; MARQUES; WIN, 2024)

Além do mais, o lazer foi contemplado pela Constituição Federal como direito social, ao aduzir que "Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a

moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição." (BRASIL, 1988).

O lazer está igualmente presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que prevê que "Artigo 24. Toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas." (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Consoante Joffre Dumazedier (ANO), o lazer é definido como "conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se [...] após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais", sendo essencial à manutenção da saúde e integridade (física e mental) dos seres humanos.

No mesmo sentido, Nelson Marcellino (2012) afirma que o lazer está relacionado ao estilo de vida das pessoas, indicando como exemplo o hábito de escutar músicas, assim como repousar e jogar cartas durante o intervalo de trabalho, sendo premente que o profissional encontra-se distante de suas responsabilidades laborais.

Por sua vez, Patrícia Borba de Souza (2013, p. 67) pondera que o direito ao lazer "traz em si uma série de perspectivas, a saber: a necessidade biológica (do descanso e recuperação de energias); as necessidades sociais (convivência social, familiar e relações privadas); as necessidades existenciais (ócio criativo, tempo livre)."

De se perceber que momentos de lazer fazem-se necessários para manutenção da saúde e integridade (física e intelectual) humanas, no sentido de aliviar o estresse e promover distração às pessoas. Nessa senda, a música promove o lazer, como também é responsável por exprimir emoções e, enquanto "arte poética e uma das dimensões socioculturais do lazer, coloca-se como meio de crítica à instrumentalização do humano." (LARA; PIMENTEL, 2009).

O etnomusicólogo John Blacking (2007, p. 205) disserta que a música não proporciona ao ouvinte unicamente sonoridade, sendo responsável por provocar novos sentimentos e estimular a criatividade, influindo (direta ou indiretamente) na formação de diferentes aspectos da cultura local e regional.

É o caso, por exemplo, da música «Guardanapo», gravada em 2022 pela Banda Rainha Musical, cabendo trazê-la à baila.

> Eu te afastei de mim
>
> Fiz por merecer esse sofrimento que eu tô vivendo
>
> E como tá doendo
>
> Como tá doendo
>
> E eu peço uma gelada pra esfriar a cabeça

Mas vejo os casais tão felizes em outras mesas

Que fase ruim a que eu tô, alô, cantor

Toca aquela, por favor

Princesa, a musa dos meus pensamentos

E esse guardanapo amassado diz como é que eu tô

Sofrendo por amor

Sofrendo por amor

Esse guardanapo amassado diz como é que eu tô

Sofrendo por amor

Sofrendo por amor. (FERRARI; MARIN; MARQUES; VIEIRA; WIN, 2024).

A letra da música traduz sentimentos vividos pelo intérprete, como amor, tristeza, solidão, arrependimento e dor, introduzidos em um arranjo musical característico das bandas do Sul do Brasil. Da mesma forma, convém também indicar o exemplo da música "Pegando o Ônibus", gravada em 2005 pelo Musical JM.

Eu moro aqui, você mora aí

Estamos tão longe, será que vai dar certo?

Nessa distância dá tanta saudade

Você está lá, por que foi morar longe da minha cidade?

Eu te amo, você me ama

A distância não vai impedir

E a minha grana gastei em cartão

Ligando toda noite pra ti

Tudo por amor

Porto Alegre é longe, tô pegando o ônibus pra te encontrar

Eu tô indo pra aí, a saudade apertou, até me fez chorar. (BORGES, 2024).

A música acima reproduzida evoca sentimentos como incerteza, saudade, amor, tristeza e angústia. Entretanto, é necessário estudar as músicas para além de suas letras, relacionando-as ao momento histórico e às tendências musicais da época, porquanto as pessoas conferem sentido às músicas em uma variedade de situações e em diferentes contextos culturais.

A esse respeito, Gilmar Rocha (2021) explana que:

> Os bailes e as festas tradicionais são de grande importância para se apreender o processo de constituição das culturas populares no Brasil à medida que condensam em um determinado espaço e tempo um conjunto de representações e práticas culturais variadas nos deixando ver, ao mesmo tempo, toda a dinâmica da cultura por meio das trocas simbólicas, das mestiçagens, das hibridações, dos sincretismos, das misturas e das invenções, numa palavra: processos de circulação de pessoas, objetos, sentidos, que possibilitam a formação de novas configurações morfológicas nas culturas populares.

No mesmo sentido, John Blacking (2007, p. 207) sustenta que “um sistema musical deve ser compreendido como um dos diferentes quadros de símbolos pelos quais as pessoas aprendem a produzir um sentido público de seus sentimentos e da vida social.”

Fato é que a música consiste em “uma manifestação artística que revela, por meio de sons, um importante diálogo com os processos da chamada civilização, os modos de vida, as sociabilidades, as formas de apropriação e representações atinentes às relações homens/mulheres e ambiente natural.” (DOZENA, 2016, p. 304).

Na mesma vereda, a dança é reconhecida como “uma ferramenta de manutenção da saúde e forma de lazer”, sendo “atividade que proporciona o pleno desenvolvimento físico, social, afetivo, motor e cognitivo, além de estimular a criatividade.” (SILVA; SILVANO, 2015).

Ainda, há que se atentar à relação da música e da dança (e, com isso, dos eventos festivos) com o turismo. É o caso do Município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, que se firmou como Município turístico, em virtude da *Oktoberfest*, realizada anualmente e considerada a maior das Américas. A esse propósito, Marlei Sicrist (2007, p. 85) afirma que:

> As manifestações populares (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc.) já não pertencem apenas aos seus protagonistas. Os acontecimentos e os objetos produzidos pelo povo, antes restrito ao seu meio, receberam o interesse de outras organizações sociais, dentre elas o setor do turismo, transformando-se em produtos comercializáveis no campo do entretenimento.

O “bailão” reúne diferentes públicos, perpassando desde os adolescentes até a “terceira idade”, que contempla no baile a possibilidade de desenvolver uma identidade mais participativa com o seu entorno social. A esse propósito, Cíntia Pacheco Terra Pereira (2018) discorre que a velhice deve ser reconhecida como uma fase natural da vida, onde muitas pessoas iniciam uma “nova vida cultural”, por meio daquilo que a própria sociedade oferta, “que são as atividades culturais propostas para essa faixa etária, os bailes para a terceira idade. Nesses centros culturais, que são os bailes e os bailões, o ancião tenta formar seu espaço tornando-se sujeito de sua própria história e de suas representações sociais.”

O “bailão” é o estilo musical mais executado, na atualidade, nas rádios do Sul do Brasil, podendo-se mencionar como exemplos as músicas “Perigosa e Linda”, da Banda Corpo e Alma, e “Guardanapo”, da Banda Rainha Musical, que, há mais de dois anos,

lideram o *ranking* das músicas de banda mais executadas, sendo, outrossim, a quarta e a sexta músicas (respectivamente) mais executadas entre todos os estilos musicais no Sul do Brasil. (GRIZOTTI, 2023).

O “bailão” é um dos momentos mais esperados dos fins de semana na Região Sul, sendo a oportunidade de reunir amigos para dançar, apreciar músicas de bandas, beber, desenvolver novas amizades e (inclusive) relacionamentos amorosos. Nessa vereda, a música “Apaixonado por Bailão”, gravada em 2024 pela Banda Sul Brass, destaca a rotina de um trabalhador que, ao fim de seu expediente, sente-se ansioso para ir ao “bailão”, além de abordar a influência familiar e cultural em seu gosto pelo “bailão”. Afirma a música:

> Chega às 17:30, já tô com os pés coçando
> Pra dar hora da largada da firma, já saio dançando
> Os meus colegas de profissão, curtem funk, pancadão
> Mas a lenda que não decepciona gosta mesmo é de bailão
>
> Já vem de família tá na minha criação
> Ser apaixonado por bailão
> Ser apaixonado por bailão. (FERRARI; MARQUES; WIN, 2024).

No mesmo sentido, a música “Caramba, Que Baile Bom”, gravada em 2000 pelo Musical Terceira Dimensão, manifesta o entusiasmo do intérprete ao ir ao “bailão”, com o intuito de dançar, como também de buscar um relacionamento amoroso, revelando a importância dos bailes para aqueles que buscam formar vínculos pessoais e (inclusive) românticos. Oportuna é a transcrição da música.

> Chora cordeona que alguém já me falou
> Dançar é bom e bom dançarino sou
> Bota teus dedos no teclado e puxa e fole
> Gaiteiro mole não presta pra fazer show
>
> Eu vim pro arrasta-pé arranjar muié
> Que eu tô a fim de casar
> Hoje saio do salão enrabichado
> Meio casado gaiteiro quero dançar
>
> Eu vim pro arrasta-pé arranjar muié
> Que eu tô a fim de casar
> Hoje saio do salão enrabichado
> Meio casado gaiteiro manda de lá

Caramba que baile bom

Olha a mulherada que tem aí

Dá pra escolher, ninguém fica sem namorada

Uma bem xonada que é pra nós se decidir. (DALCIN, 2024).

Nesse tocante, Jéssica Beltrame (2017) refere que “os bailes em que as bandinhas se apresentam costumam ser conhecidos por juntar muitos casais. São histórias e histórias de quem já namorou, noivou, se separou e arrumou outro namorado embalados por esse gênero musical.”

De mais a mais, a lei 16.162, de 29 de julho de 2024, cujo projeto é de autoria do deputado estadual Elton Weber, reconhece as “bandinhas alemãs” como relevante interesse histórico do Estado do Rio Grande do Sul e inclui no Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas do Estado do Rio Grande do Sul o dia 22 de novembro como sendo o dia das “bandinhas alemãs”. (RIO GRANDE DO SUL, 2024).

CONCLUSÃO

Observou-se uma pluralidade de expressões e movimentos folclóricos, artísticos, culturais e musicais que auxiliam na leitura do desenvolvimento sociocultural do Estado do Rio Grande do Sul, propondo-se o presente artigo a estudar a relação existente com a disseminação e consumo do “bailão” (músicas de bandas), dada a insuficiência de pesquisas sobre o tema.

A pesquisa apresentou letras de músicas de bandas que aludem a ambientes festivos, onde comparecem marcas da colonização do Estado do Rio Grande do Sul, sendo representativos do estilo musical. Entretanto, de se perceber que a preservação do estilo musical dependerá da possibilidade de reinventar-se e adequar-se ao contexto e aos novos personagens que nele se inserem, tendo em vista a necessidade de atender às tendências do cenário musical. A sua manutenção importará na da identidade étnica do Rio Grande do Sul, uma vez que traz consigo uma variedade de informações acerca da cultura e hábitos dos imigrantes alemães, que introduziram o estilo musical no Estado.

Ainda, percebe-se a relação existente entre o “bailão” e os direitos à cultura e ao lazer. Percebe-se, entretanto, que o conceito de cultura é dinâmico; em outras palavras, encontra-se em constante transformação. Está o lazer relacionado a um estado de liberdade e de prazeres, visto que as pessoas contemplam no “bailão” a possibilidade de esquivar-se de suas responsabilidades laborais, desenvolver-se (pessoal e interpessoalmente) e promover-lhes distração.

De se destacar que as considerações apresentadas neste artigo não esgotam o tema, dada a sua complexidade e dinamismo, tratando-se de um esforço acadêmico na tentativa de esclarecer importantes aspectos a ele atinentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Augusto. **Momento histórico para a música de baile.** Disponível em: <https://diariogaucho.clicrbs.com.br/entretenimento/noticia/2022/04/momento-historico-para-a-musica-de-baile-23238642.html>. Acesso em: 29 ago. 2024.

BELTRAME, Jéssica. **Na marcha das bandinhas.** Disponível em: <https://beltramejessica.medium.com/na-marcha-das-bandinhas-7c1f925ef705#:~:text=Conhecidas%20por%20terem%20na%20letra,embalados%20por%20esse%20g%C3%AAnero%20musical.>. Acesso em: 29 ago. 2024.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo**, n. 16, p. 205-207, 2007.

BORGES, Cleiton. **Pegando o Ônibus**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/musical-jm/221822/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 27 ago. 2024.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1972.

COSTA, Manuela Areias. Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. **Tempos Históricos**, v. 15, p. 255, 2011.

DALCIN, Flávio. **Caramba, Que Baile Bom**. Disponível em: . Acesso em: 27 ago. 2024.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Baile**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/aApl/baile/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

DOZENA, Alessandro. **Geografia e música**: diálogos. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**: Debates. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FERRARI, Rogério; MARIN, Eduardo; MARQUES, Dionathan; VIERA, Ezequiel; WIN, Katy. **Guardanapo**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rainha-musical/guardanapo/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FERRARI, Rogério; MARQUES, Dionathan; WIN, Katy. **Apaixonado por Bailão**. Disponível em: < https://www.letras.mus.br/banda-sul-brass/apaixonado-por-bailao-part-rainha-musical/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FERRARI, Rogério; MARQUES, Dionathan; WIN, Katy. **Tiro de 12**. Disponível em: < https://blog.audiency.io/tiro-de-12/>. Acesso em: 04 set. 2024.

FOCHESATTO, Cyanna. O baile do *kerb* como espaço de memória: Continuidades, permanências e transformações por meio de dois eixos de análise. **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 17, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. New York: Basic Books, 1973.

GRIZOTTI, Giovani. **Grupos de bailão emplacam músicas em *ranking* das mais tocadas nas rádios do RS**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/blog/reporter-farroupilha/post/2023/08/15/grupos-de-bailao-emplacam-musicas-em-ranking-das-mais-tocadas-nas-radios-do-rs-ouca.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2024.

JORNAL ZERO HORA. **Os Reis do Baile**. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/reis-do-baile/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

KAISER, Douglas Márcio; SANTANNA, Denise Blanco; SCHEMES, Cláudia. Oktoberfest: do casamento real à grande festa da rememoração da cultura alemã. **Estudios Históricos**, v. 30, p. 2, 2023.

LARA, Larissa Michelle; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Poética Musical, Lazer e Cotidiano. **Licere**, v. 12, n. 1, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARCELLINO, Nelson. **Estudos do Lazer**: uma Introdução. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MGT RÁDIO. **Biografia de Corpo e Alma**. 2012. Disponível em: <https://www.mgtradio.net/artista/corpo-alma>. Acesso em: 28 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em: <http:/www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php.>. Acesso em: 27 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** Disponível em: <https://iparadigma.org.br/biblioteca/declaracao-universal-sobre-a-diversidade-cultural-unesco/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PADILHA; PEZAK. **Porre de Amor**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rainha-musical/porre-de-amor/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PEREIRA, Cíntia Pacheco Terra. Representações do envelhecer na sociedade contemporânea: baile Conviver com Alegria como forma de ressignificação de vida na cidade de Jaguarão (RS). **Integração e Multiculturalismo na América Latina: Perspectiva histórica e desafios no contexto atual**, v. 2, 2018.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei 16.162, de 29 de julho de 2024**. Reconhece as "Bandinhas Alemãs" como relevante interesse histórico do Estado do Rio Grande do Sul, altera a Lei nº 15.950, de 09 de janeiro de 2023, que consolida a legislação estadual relativa a eventos e datas estaduais, instituindo o Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-16162-2024-rio-grande-do-sul-reconhece-as-bandinhas-alemas-como-relevante-interesse-historico-do-estado-do-rio-grande-do-sul-altera-a-lei-no-15-950-de-09-de-janeiro-de-2023-que-consolida-a-legislacao-estadual-relativa-a-eventos-e-datas-estaduais-instituindo-o-calendario-oficial-de-eventos-e-datas-comemorativas-do-estado-do-rio-grande-do-sul-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ROCHA, Gilmar. Ciranda de performances - o imaginário e a nostalgia em torno dos bailes na roça (notas de pesquisa). **XI Congresso da ABRACE**, v. 21, 2021.

RZ PROMOÇÕES E EVENTOS. **Banda San Marino**. Disponível em: <https://www.rz.net.br/banda/banda-san-marino>. Acesso em: 12 set. 2024.

SCHLÖLER, Bernd; VEJVODA, Jaromir. **Barril de Chopp**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dauerlaufband/ein-prosit-der-gemutlichkeit-barril-de-chopp-rosamunde-pot-pourri/>. Acesso em: 12 set. 2024.

SICRIST, Marlei; GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

SILVA, Adriana Lúcia Leal; SILVANO, Luiz Clebson de Oliveira. A Dança como Forma de Lazer no Contexto Escolar. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 2, n. 1, 2015.

SOARES, Marcelo Evangelista. **Melô do Rolo**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/os-montanari/796812/>. Acesso em: 12 set. 2024.

SOUZA, Patrícia Borba de. **O direito fundamental ao lazer dos trabalhadores**: uma discussão teórica. Dissertação submetida à Universidade Metodista de Piracicaba para a obtenção do título de Mestre em Direito. Orientadora: Professora Doutora Mirta Gladys Lerena Manzo de Misailidis. 2013. p.67

STAMBOROSKI JR, Amauri Antonio. **Música Popular Germânica no Sul do Brasil**: um panorama histórico da “bandinha” ao “pop do sul”. Funarte. Ministério da Cultura. São Paulo, 2011.

VARELA, Guilherme.**O reconhecimento do acesso ao patrimônio cultural como direito fundamental.** Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-administrativo/o-reconhecimento-do-acesso-ao-patrimonio-cultural-como-direito-fundamental/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

VICENTE, Eduardo; DE MARCHI, Leonardo; GAMBARO, Daniel. O rádio musical no Brasil: elementos para um debate. **Estudos Radiofônicos no Brasil — 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**, v. 22, p. 457, 2016.

CAPÍTULO 4

TÉCNICAS DE INTERPRETACIÓN TURÍSTICA COMO ESTRATEGIA DE MEJORA EN LA GESTIÓN Y OPERACIÓN DEL TOUR "EL CERRO DEL CABALLITO"

Data de submissão: 23/08/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Josep Eduardo García Jiménez
Universidad Nacional de Costa Rica

RESUMEN: Las técnicas de interpretación turística representan una importante oportunidad para potenciar los atractivos turísticos, así como un medio para aprovechar los recursos locales y patrimoniales de la zona. La presente investigación tuvo como objetivo potenciar la gestión y experiencia del "Tour Cerro del Caballito" mediante la implementación de técnicas de interpretación turística. Para lograrlo, se realizaron entrevistas en profundidad a diversos perfiles de expertos en planificación, interpretación y guiado turístico, así como al propietario del emprendimiento. Entre los principales resultados se concluye que al mejorar los elementos de interpretación turística, el desarrollo del "Tour Cerro del Caballito" creará una experiencia destacada y enriquecedora para el visitante. Esto se debe a que se transmitirán todos los mensajes sobre los diversos recursos naturales y culturales. Asimismo, estas experiencias interpretativas permitirán a los turistas comprender el contexto del paisaje y sus componentes de manera creativa.
PALABRAS CLAVES: Interpretación turística, senderismo interpretativo, gestión, operación turística, experiencia turística.

ABSTRACT: Tourism interpretation techniques represent an important opportunity to enhance tourist attractions, as well as a means to leverage local and heritage resources in the area. The present research aimed to enhance the management and experience of the "Cerro del Caballito Tour" through the implementation of tourism interpretation techniques. To achieve this, in-depth interviews were conducted with various profiles of experts in planning, interpretation, and tourist guiding, as well as the owner of the enterprise. Among the main results, it is concluded that by improving the elements of tourism interpretation, the development of the "Cerro del Caballito Tour" will create a outstanding and enriching experience for the visitor. This is because all messages about the various natural and cultural resources will be conveyed. Likewise, these interpretative experiences will allow tourists to understand the context of the landscape and its components in a creative manner.
KEYWORDS: Tourist interpretation,

interpretive hiking, management, tourist operation, tourist experience

INTRODUCCIÓN

El "Tour Cerro del Caballito" se localiza en la comunidad del Caballito, Nicoya, Guanacaste, durante su recorrido el visitante podrá realizar diversas actividades relacionadas con el ecoturismo, como senderismo, observación de flora y fauna y su principal producto, que son los miradores desde la cima de la montaña donde se pueden apreciar unas hermosas vistas. Asimismo, el tour cuenta con diversos puntos de interés que lo enriquecen y diversifican, entre ellos se encuentran una zona arqueológica con hallazgos de antiguas pertenencias Chorotegas, acceso a cavernas (el Cerro del Caballito se encuentra aledaño al Parque Nacional Barra Honda), zona de acampar y un punto de despegue de parapentes.

Resulta importante la implementación de técnicas y herramientas de interpretación turística que puedan contribuir en la concientización del medio ambiente, la ética, la educación de los visitantes y el valor agregado que este tipo de iniciativas puede brindarle al proyecto mediante una experiencia más enriquecedora.

Las técnicas de interpretación turística representan una gran oportunidad para la potencialización de atractivos turísticos, así como un medio de aprovechamiento de los recursos locales y patrimoniales de la zona, según lo afirma la siguiente cita: "Sus técnicas y herramientas permiten a cada territorio posicionarse frente a sus competidores y desarrollar mejores acciones de comercialización y explotación turísticas." (Perera y Betancourt, 2016, p. 2)

El "Tour Cerro del Caballito" en términos de técnicas de interpretación turística únicamente cuenta con "la visita guiada", que, si bien es funcional, aún requiere fortalecimiento en algunos aspectos en la animación e interpretación turística, que generen una mejor experiencia en los turistas, durante un recorrido más enriquecedor, variado e inolvidable.

Por estos motivos, el Tour Cerro del Caballito carece de la implementación diversificada de técnicas de interpretación turísticas, las cuales podrían llegar a ser potenciales herramientas de apoyo en la formulación de estrategias de mejora en los procesos de gestión y operación del producto turístico, dándole características diferenciadoras e innovadoras ante la competencia, así como la preferencia y divulgación de experiencias positivas de los visitantes.

Con todo lo antes expuesto, la presente investigación tuvo por objetivo el Potenciar la gestión y la experiencia del Tour el Cerro del Caballito, mediante la implementación de técnicas de interpretación turística

MARCO TEÓRICO

Interpretación turística: importancia y aplicaciones

Si se pretende indagar en temáticas relacionadas a las técnicas de interpretación dentro del turismo, hay que tener con claridad el termino de interpretación como tal, por lo que es necesario indagar en los orígenes de su definición, donde el autor del libro *"Interpreting Our Heritage"* Freeman Tilden, considerado por muchos como el máximo exponente en temas relacionados, mencionó que la misma es "una actividad educativa que pretende revelar significados e interrelaciones a través del uso de objetos originales, por un contacto directo con el recurso o por medios ilustrativos, no limitándose a dar una mera información de los hechos" (Tilden, 1957, citado por Perera y Betancourt, 2016, p. 99).

Partiendo de este hecho, muchos autores han brindado sus definiciones de lo que ellos consideran como interpretación los cuales parten de la cita brindada por Tilden, entre algunas de las más relevantes para la investigación se encuentran las siguientes:

De acuerdo con Peñate 2019

> La interpretación no es sólo información cotejada combinada con educación social, sino que, además, es descubrir in situ los múltiples significados de uno o varios recursos patrimoniales de manera atractiva, educativa e instructiva generando una concienciación en su conservación para su futuro disfrute por generaciones posteriores.
>
> Por su parte, Mendoza, Umbral, y Arévalo (2011) se refieren a la interpretación como:
>
> Traducir de una lengua a otra: del lenguaje especializado y técnico de los historiadores, arqueólogos, antropólogos, biólogos y demás, a un lenguaje accesible y cercano para quien no está obligado a saber. Su objetivo es conseguir que los visitantes adopten una actitud de respeto, aprecio y contribuyan a la conservación del lugar al que acuden.

Con todo lo antes mencionado, los autores coinciden en que la interpretación no es una actividad únicamente que se limite a hechos de entrega informativa entre un emisor y un receptor, sino que además de ello la interpretación invita a los usuarios a profundizar en los significados y simbolismos patrimoniales de los elementos, cuya finalidad es despertar respeto y aptitudes de cuido hacia el entorno.

Resulta muy interesante entonces si se observa desde la arista del turismo, no solo como una forma de generar experiencias turísticas que desde una perspectiva de recreación resultan muy agradables para el turista, de igual forma asiste en la existencia de una conexión más profunda entre el significado del patrimonio local con el mismo, representado por la interpretación de una forma más interesante. Desde luego, es destacable la gran oportunidad que puede figurar la interpretación como un insumo para la concientización en el cuido y conservación del patrimonio natural y cultural de los elementos locales del destino turístico.

La interpretación dentro de la gestión turística logra fomentar la participación activa de las comunidades locales y los visitantes, además del importante rol que toman estas herramientas en materia del impulso de economías locales y la conservación del entorno, logrando conseguir el desarrollo de un turismo más armonioso y menos masificador, lo anterior va muy arraigado al aporte brindado por los autores Gutiérrez y Maragliano, (2008) al comentar que:

> La interpretación del patrimonio permite este proceso de gestión participativa del turismo, cuyas metas son la conservación del patrimonio natural y cultural del área, así como unir al público con el lugar que visita, trata de entrar en lo más íntimo del individuo, que influya en sus actitudes, que contribuya al desarrollo humano, reforzando el sentido de lugar en los visitantes y la propia identidad en los habitantes locales. (p. 3)

Tal y como el autor lo comenta, la interpretación involucra a los visitantes dentro de la misma experiencia del recorrido, además de incitarlo a que con sus propias acciones pueda contribuir en el desarrollo local y la preservación del acervo cultural del sitio que visita.

La interpretación turística entonces, se muestra como una potencial estrategia en el “Tour Cerro del Caballito” gracias a la riqueza patrimonial con la que cuenta el lugar. Las técnicas de interpretación buscarán generar ese acercamiento entre el visitante y el lugar, como una forma de expresar esos significados y simbolismos de los elementos locales de la comunidad del caballito, aún más con el valor agregado de que son los mismos locales quienes brindan el servicio, por lo que se puede considerar el involucrar sus percepciones personales dentro de la narrativa o explicación en los mensajes y guiones del guiado.

Senderismo como actividad interpretativa

El senderismo se ha ido posicionando como una actividad turística alternativa realizada en espacios naturales, Matamala y Pedetti (2021) definen el senderismo de la siguiente manera:

Actividad turístico-recreativa que puede ser enmarcada dentro del turismo activo y de naturaleza, en la cual los visitantes recorren a pie o en un medio no motorizado un camino o huella predefinido, equipado con información o señales y/o guiados por intérpretes de la naturaleza, con el objeto de conocer el patrimonio natural y cultural local. (p.38)

El senderismo es la principal actividad que se realiza en el tour el Cerro del Caballito, en donde la naturaleza y la experiencia generada marca la diferencia durante su recorrido. Esta actividad, es llevada a cabo mediante senderos que guían al visitante y que según Tacón y Firmani (2014) son aquellos trillos o caminos por donde los visitantes pueden realizar un recorrido mientras disfrutan de los componentes ambientales que rodean el lugar. Entre algunas de las actividades que pueden ser realizadas en los senderos, se encuentran: dinámicas relacionadas al ocio, actividades de educación ambiental y de

conservación, e incluso actividades administrativas, en caso de aquellos senderos que forman parte de áreas protegidas.

Asimismo, los autores Tacón y Firmani hacen un relevante señalamiento dentro de su definición, al resaltar el grado de importancia y responsabilidad que conlleva el óptimo diseño y estructuración de un sendero, puesto que su construcción implica la habilitación de un espacio donde transitan personas y, por ende, los impactos ambientales que puedan ser producidos al entorno, deben ser analizados con detenimiento.

Cabe mencionar que, el Tour cerro del caballito ya posee un sendero con ciertas demarcaciones, pero carece de interpretación turística que pueda concientizar y de cierta manera educar e impactar en los visitantes. A raíz de ello, es necesario incorporar el termino de Senderos Interpretativos que es definido por Legorreta (2017) de la siguiente manera:

> Son una herramienta educativa cuya principal finalidad es la de comunicar sobre el valor de la conservación del patrimonio cultural y la biodiversidad de nuestras comunidades las diferentes regiones que reciben visitantes permitiendo el contacto directo de los visitantes con los valores sobre los que se quiere dar un mensaje. (p.36).

El concepto mencionado, se vuelve relevante en el desarrollo de la presente investigación porque deja en evidencia la finalidad de los senderos interpretativos y se adapta a lo que desea lograr el propietario del Tour Cerro del Caballito (Don Víctor), buscando brindar un servicio lleno de experiencias, pero al mismo tiempo educando en temas de conservación y protección del patrimonio natural y cultural a los visitantes.

Estos senderos pueden ser analizados desde dos puntos de vista, por un lado, se encuentran los senderos guiados que, según Lucero, Varisto, Matamala y Pedetti (2021) pueden ser definidos como:

> Aquellos que requieren de la compañía de un guía o intérprete para que el visitante logre una adecuada interpretación ambiental. Durante el recorrido, el guía explica los rasgos más sobresalientes del área, al mismo tiempo que estimula al grupo a participar activamente y a usar los sentidos a fin de enriquecer su percepción del entorno. El recorrido guiado ofrece la posibilidad de mantener una comunicación bilateral, permite adaptar la interpretación a las necesidades y requerimientos de los participantes y constituye una excelente opción para quienes disfrutan de realizar actividades grupales. (p.41)

Actualmente, el sendero guiado es el producto principal que ofrece el Tour Cerro del Caballito en el que el guía basado primordialmente en la experiencia y conocimiento generado a lo largo de los años logra transmitir el mensaje de manera directa y participativa. Aragón (2015) menciona que el guía "ha de poder interpretar, transmitir, entusiasmar al visitante con el destino o recurso patrimonial de cualquier género sobre el que recaiga dicha actividad. Se pasa, por tanto, de la comunicación informativa a la comunicación interpretativa". (p. 8)

Por otro lado, existen ocasiones en que el mensaje no es trasmitido de manera

clara o bien, el visitante desea realizar el recorrido por cuenta propia y es ahí en donde comienza a tomar relevancia el siguiente concepto sobre senderos autoguiados definido por los autores Lucero, Varisto, Matamala y Pedetti (2021) como:

> A una ruta trazada en un área específica a lo largo de la cual el visitante es autónomo en cuanto a la interpretación del ambiente, apoyándose en diferentes medios que representan una guía en su recorrido, tales como: folletos, códigos QR, marcas y señales en el terreno, cartelería interpretativa, audioguías. (p.43)

La contribución de la interpretación en la gestión y operación del turismo

Una vez comentado algunos de los beneficios de involucrar aspectos interpretativos dentro de la dinámica de la conservación del patrimonio cultural y natural y en la actividad senderismo, ahora es pertinente mencionar cómo estos medios pueden contribuir en la mejora de la gestión y operación del turismo como tal.

Primeramente, en términos operativos y de manejo es posible afirmar un apoyo en el control de flujo de visitantes que realicen el recorrido de los senderos por cada tour, que según García (2013), el flujo de visitantes es definido como aquel recorrido o ruta comúnmente realizada por los turistas en un determinado destino turístico.

Propuestas como una correcta demarcación durante todo el recorrido, además de funcionar como insumos para la actividad autoguiada, pueden ayudar en la gestión de riesgo con los grupos de senderistas y guías del tour, puesto que existe un mejor control en la ruta transitada, dando medida a evitar encuentros con posibles puntos de riesgo u obstáculos del sendero.

Con base a esto, es indispensable tener un correcto mapeo del recorrido del tour, principalmente dar especial atención hacia aquellos puntos más transitados por los visitantes a la hora de realizar el recorrido (puntos populares de parada, caminata e interacción), ya que puede contribuir a la hora de conocer las experiencias que los turistas se están llevando del mismo.

El Sistema Nacional de Áreas de Conservación (SINAC), comenta que el manejo del flujo de visitación es un concepto que: “incorpora el grado en el cual los visitantes son regulados y controlados, al igual que el nivel de información y los servicios proveídos para su disfrute. El grado de presencia o ausencia del manejo explícito de visitantes influencia la experiencia de los mismos” (SINAC, 2015, p.5)

El conocer este tipo de definiciones y conceptos pueden ser de gran relevancia para a la hora de planificar el recorrido interpretativo, tomar en consideración ciertos elementos que ayuden en el control de grupos (recorrido guiado y autoguiado), así como el establecimiento de un balance entre la conservación ambiental y la generación de experiencias de los turistas.

Otro posible beneficio puede verse reflejado en la capacidad de carga, que acorde con Mathieson y Wall (1986) citado por Cruz (2015), la capacidad de carga turística hace referencia a aquella máxima cantidad de turistas que puede soportar un espacio antes de generar daños físicos y afectación en la experiencia del visitante.

Uno de los aportes más significantes del control de capacidad de carga, a través de la interpretación es visto en la posibilidad de contribuir en la prevención y mitigación de impactos negativos en el ambiente producido por la actividad humana en el Cerro del Caballito.

Es por ello que cómo parte del desarrollo y planificación de un recorrido interpretativo es necesario conocer y especificar la cantidad máxima de personas por tour, en razón de mantener un control dinámico y fluido por parte del guía durante todo el recorrido. Evitando así, afectaciones en la experiencia del turista y ayudar en la gestión y conservación patrimonial natural y cultural de la zona.

Finalmente, la incorporación de técnicas de interpretación tendrá un efecto directo en la experiencia del visitante en tanto que permitirán enriquecer y darles un valor agregado a todos los componentes patrimoniales (naturales, históricos, culturales) del Cerro del Caballito. Según coinciden autores como Gonzáles (2018), las experiencias turísticas son "Cualidades que hacen atractivo a un destino o a la oferta de las empresas, a las condiciones personales y sociales que llevan a los consumidores a elegir tal o cual producto o destino" (p.33).

Basado en lo mencionado por Gonzáles, se denota la necesidad por buscar nuevas cualidades que brinden características diferenciadoras para el producto que lo logren hacer una experiencia atractiva y única a comparación contra otras empresas turísticas, lo cual es de suma influencia en la toma de decisiones de los visitantes a la hora de elegir el Tour Cerro del Caballito como destino.

Al mismo tiempo el autor refiere en un artículo que "la experiencia turística entonces se corresponde con las situaciones de interacción en las que tanto turistas como anfitriones han optado por elegir tales roles y con ello la coproducen y la reproducen socialmente" (González, 2018, p.34).

Como bien se ha comentado, la interpretación turística define roles específicos dentro de la experiencia, tanto de la persona que entrega los mensajes (el guía o medio) como la persona que lo recibe (el visitante), creando una interacción dinámica. Sin embargo, algo que vuelve a la interpretación una estratégica para el enriquecimiento de la experiencia turística, es la posibilidad que tienen los receptores en aportar en la narrativa, siendo ellos mismo participes y protagonistas de su propia experiencia.

METODOLOGÍA

La orientación de esta investigación fue de enfoque cualitativo con diseño narrativo

el cual Hernández Sampiere, Fernández y Baptista (2014), mencionan que:

> contextualiza la época y lugar donde ocurrieron las experiencias y reconstruye historias individuales, los hechos, la secuencia de eventos y los resultados e identifica categorías y temas en los datos narrativos, para entretejerlos y armar una historia o narrativa general (p. 487).

En el caso de la investigación, se implementaron entrevistas a personas con conocimiento de la actividad con el fin de obtener datos, historias y experiencias sobre el recorrido. Anudado a esto se utilizó una hoja de cotejo para recolectar información de primera mano en cuanto a las necesidades y virtudes con la que cuenta el producto turístico, logrando así mejorar la propuesta de valor ofrecida durante el recorrido.

Como parte de los sujetos de estudio, se tomaron en cuenta primordialmente al dueño y guía del emprendimiento, ya que fue necesario recolectar información primaria directa de los responsables de la operación y gestión del Tour Cerro del Caballito.

Del mismo modo, se realizaron entrevistas a distintos perfiles con relación al turismo, actividad del guiado y la interpretación, cuya finalidad fue la de conocer la opinión y consultoría de algunos profesionales en la materia de guiado, senderismo y planificación turística. Entre ellos: profesionales en planificación turística, diseño de productos turísticos, desarrollo local comunitario, guías turísticos especialista en guiado local e interpretación turística.

A continuación, se desglosan los diferentes perfiles de los profesionales que fueron entrevistados:

Perfil	Entrevistado
Profesional en planificación turística	Funcionario del SINAC encargado de logística y planificación
Profesional en diseño de productos turísticos	Funcionario de la Cámara de Turismo de Guanacaste (CATURGUA) encargado de la parte de diseño de productos turísticos
Profesional en desarrollo local comunitario	Proyectista en el Programa de Gestión Integral de Destinos Turísticos con el ICT
Guía turistico local	Guía local certificado por el Instituto Nacional de Aprendizaje (INA)
Guía turistico especialista en interpretación	Guía profesional en interpretación graduado por la Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) en España

Nota. García, J. (2023).

Tabla 1. Perfiles de informantes clave para el diagnóstico del Tour Cerro del Caballito

PRINCIPALES RESULTADOS OBTENIDOS

A continuación se muestran los principales resultados obtenidos por la herramientas de entrevistas a profundidad, primeramente la aplicada al propietario y guía del “Tour Cerro del Caballito” como una forma de conocer su percepción local y experiencias de vida, de tal

manera que se lograra encontrar elementos importantes que contribuyan en la propuesta de valor agregado que se pretenden introducir dentro de los elementos interpretativos de mediación guiados y autoguiados.

Segundo, se encuentran los resultados de las entrevistas aplicadas a los profesionales en áreas afines sobre temas relacionados a la interpretación en líneas de la gestión y operación del turismo, así como en el proceso de formación de experiencias turísticas en los visitantes.

Guía turistico especialista en interpretación	Profesional en planificación turística	Profesional en desarrollo local comunitario	Profesional en diseño de productos turísticos	Guía turistico local
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5

Nota. García, J. (2023)

Tabla 2. Orden de entrevistados

Análisis de entrevista al propietario del Tour Cerro del Caballito

1. ¿Cuál es la historia del Cerro del Caballito?

Acorde al acervo histórico del Cerro Caballito, el entrevistado deja en evidencia el recorrido y conformación de la identidad de dicha formación geológica y de su pueblo en el transcurso de los años, en su relato destaca el inicio de las actividades agrícolas aprovechando las características y terrenos que posee el cerro. Posteriormente, entrelaza la necesidad de esos pobladores por encontrar terrenos más aptos con el proceso de hallazgo de un caballo que posteriormente dará nombre al pueblo y al cerro como tal. Esto deja en evidencia el valor histórico que posee la zona, además dota de un atractivo al "Tour Cerro del Caballito" debido a que despierta en el visitante un interés por conocer más acerca de destinos de este tipo y genera por sí solo un valor agregado al tour.

Finalmente, es necesario mencionar la importancia de utilizar este recurso histórico como una herramienta que permita al *tour* dinamizar este relato e introducirlo como parte de las actividades que se desarrollan dentro del recorrido. Para ello es fundamental establecer un orden cronológico del desarrollo del pueblo y su cerro, de esta manera se profesionaliza el *tour* mediante una adecuada interpretación de los datos.

2. ¿Qué impulsó la iniciativa por implementar turismo en el Cerro del Caballito?

Desde el punto de vista del principal actor, el "Tour Cerro del Caballito" surge inicialmente como una idea o visión de utilizar los recursos naturales y geológicos del cerro. El propietario siempre mantuvo una idea clara del potencial de cerro como atractivo turístico, por esta razón él, junto con su hijo, invirtieron gran cantidad de horas de trabajo de mantenimiento y mejoras. Sin embargo, destaca que en el año 2010 gracias al interés de la Universidad Nacional por impulsar la economía de estas zonas pudieron adquirir

conocimientos básicos para el desarrollo de turismo rural comunitario, esto demuestra la necesidad de apoyar desde las universidades estatales a iniciativas en zonas rurales con potencial turístico.

3. ¿Qué simboliza para usted el Cerro del Caballito?

Con respecto al significado o simbolismo del cerro para sus propietarios, se reafirma que representa un legado familiar de aproximadamente 200 años de antigüedad que además posee una historia bastante llamativa y ciertos vestigios de presencia precolombina en sus tierras. El "Tour Cerro del Caballito" puede hacer uso de esta información mediante una adecuada interpretación de los elementos históricos, geológicos y simbólicos, junto a un aporte científico que sustente la información acerca de la biodiversidad, los componentes y demás aspectos del entorno del cerro.

4. ¿Cuáles elementos del "Tour Cerro del Caballito" considera usted de importancia? Y ¿De qué manera los incorpora durante el recorrido?

En este caso, el entrevistado quien es propietario y guía del "Tour Cerro del Caballito" expone lo que él considera como los principales atributos del cerro, así como aquellas actividades para el disfrute de los visitantes. Dichos elementos del *tour* convierten a este recorrido en un conjunto de atractivos que pueden ser explotados con el fin de generar una oferta capaz de despertar el interés turístico. Desde un punto de vista general este cerro posee todo lo necesario para desarrollarse un tour exitoso y competitivo, por ello surge la necesidad de profesionalizar tanto las actividades como los datos científicos y finalmente mejoras es aspectos de seguridad.

Análisis de datos de las entrevistas aplicadas a los perfiles profesionales

1. ¿Ha realizado usted algún tipo de actividad relacionada con caminatas en senderos guiados o autoguiados? ¿Cómo ha sido su experiencia?

Según el aporte realizado por los entrevistados acerca de si practicaban actividades relacionadas con caminatas en senderos, reveló que todos los sujetos se habían relacionado con la práctica del senderismo, de acuerdo con lo expresado se muestra que tres de los cinco entrevistados habían asistido a ambos tipos de senderos mientras que los dos restantes solo lo habían realizado de manera autoguiada. Resulta interesante observar las distintas experiencias en ambas modalidades de recorrido, donde la interpretación puede ser un ingrediente dentro del senderismo que puede atraer a todas aquellas personas que buscan la práctica de alternativas turística con la finalidad de conocer y disfrutar de nuevas experiencias, aunado a esto, se destaca la necesidad de implementar y preparar a los guías con el fin de que se realice una interpretación adecuada de la información y elementos del entorno.

Se destaca que, de ser instaurada la práctica de un senderismo autoguiado deben existir ciertos recursos que garantice a los visitantes la obtención de información mediante

una serie de paneles informativos acerca de los elementos geológicos, especies vegetales, miradores y sus respectivas altitudes, señalética sobre las actividades, demarcación de las zonas de mayor de dificultad y precaución etc.

2. ¿Qué elementos llaman su atención a la hora de realizar estos recorridos guiados y autoguiados?

Ahora bien, de acuerdo con los entrevistados existen varios elementos que debe poseer un sendero ya sea guiado o autoguiado con el fin de generar una experiencia satisfactoria en los visitantes. Los principales elementos son la plasticidad de los relieves y "un destino tiene que ser escénico, es decir para que sea atractivo debe tener escenario, es decir, tiene que tener plasticidad lo que llamamos también esto se utiliza mucho en la fotografía, un escenario que tenga plasticidad y que tenga elementos de paisaje muy llamativos que entren por los ojos" (entrevistado 1, 2022). Esto concuerda con las características de El Cerro Caballito ya que ofrece escenarios bastante atractivos para los visitantes, además cuenta con demás elementos que apoyan y sustentan la posibilidad de sacar un mayor provecho del tour.

Seguidamente, el resto de entrevistados aportan que aspectos como el rotulado, la demarcación de distancia durante el recorrido e investigar datos y características generales de los recorridos por realizar.

3. ¿Cómo recibió usted la información cuando realizó el recorrido? ¿Cómo calificaría dichos medios?

Sobre la información que recibe el visitante durante el recorrido, se pueden denotar algunas experiencias comentadas por los entrevistados que ejemplifican las dinámicas interpretativas implementadas en los diversos senderos, en su mayoría medios ilustrativos como rótulos y panfletos con información general de los recorridos (señalamiento, distancia y duración), que según lo afirman la mayoría de los entrevistados, es indispensable que toda la información sea clara, concisa y lo más sencilla posible para el receptor.

Llama especialmente la atención elementos interpretativos como los comentados por la experiencia del entrevistado 2, en dónde el guía hace su explicación utilizando como herramienta rotulación que incorpora algunos componentes del neuromarketing como lo son los carteles con dibujos animados de animales que se pueden encontrar en el sendero. El guía explica la información hacia los niños utilizando como base los colores de los animales "si ven algún animal con tales colores por favor no tocarlo" (entrevistado 2, 2022).

Asimismo, el entrevistado 1 considera que la parte técnica y científica es de gran importancia a la hora de realizar un recorrido guiado o autoguiado, especialmente para aquellas personas que buscan aprender o generar algún tipo de conocimiento durante la visita. Se califica la experiencia del "Tour Cerro del Caballito " como muy buena, ya que el guía explica los elementos del recorrido utilizando vivencias personales y empíricas del campo. Sin embargo, hace falta más uso de conocimientos técnicos sobre la interpretación

del paisaje y el entorno (conocimientos geográficos, geológicos y biológicos).

4. Mejorando las técnicas de interpretación, ¿Es posible diferenciar el recorrido del Tour Cerro del Caballito de otros que usted conoce? ¿Cómo hacerlo?

Tal y como se puede observar en el cuadro, todos los entrevistados coincidieron que sí es posible diferenciar el recorrido del "Tour Cerro del Caballito" de otros similares al mejorar las técnicas o medios interpretativos. Tomando como base lo comentado por el entrevistado 1, el cerro por sí solo cuenta con varias condiciones geográficas, biológicas y culturales muy favorables, por lo tanto, acompañados por una adecuada interpretación del entorno y de los elementos que se pueden observar, esto puede generar un valor agregado para el sendero.

También, la mayoría de los participantes añadieron la importancia de fortalecer el sendero en la modalidad interpretativa del autoguiado debido a que el destino es idóneo para practicarlo en grupo de amigos o familiares, por lo cual es de gran relevancia que la información del recorrido esté bien explicada e ilustrada para aquellos visitantes que prefieren realizar ellos mismos el tour y la interpretación del paisaje y entorno dentro de su mismo circulo sin necesidad tener un mediador.

Además, en cuestión de la modalidad guiada, el entrevistado 5º hace un señalamiento muy valioso al agregar el uso de narrativas relacionadas con el relato, la dramatización y las anécdotas personales del guía (sobre su infancia o historia de vida), como medios verbales que pueden trasmitir la información de formas más creativas e interactivas para los turistas.

5. ¿Piensa usted que una adecuada interpretación genera una mejor experiencia durante el recorrido? ¿En qué sentido?

Basándose en las respuestas de los entrevistados sobre si la adecuada interpretación puede significar una mejor experiencia para el visitante, se puede observar que todos concuerdan al mencionar la importancia de la información a la hora de realizar este tipo de actividades. Del mismo modo, afirman que más allá del tour y de todos los atractivos que posee el recorrido, es importante brindar al visitante un mensaje claro y asertivo en función de la experiencia.

Entonces, con base a lo añadido por los entrevistados es posible que el "Tour Cerro del Caballito" mediante una adecuada interpretación puede impactar positivamente en el visitante, ya sea mediante letreros, de manera verbal o inclusive como menciona el entrevistado 5º mediante una maqueta que muestre el recorrido, la distancia de las paradas, los miradores y demás información relevante que pueda influir en la experiencia del turista.

6. ¿Cómo beneficiaria el desarrollo de estas experiencias interpretativas al "Tour Cerro del Caballito"?

En cuanto a los beneficios que podría generar implementar este tipo de experiencias interpretativas en el Cerro del Caballito, lo entrevistados concordaron en que mejorando

la interpretación y la seguridad del sendero se puede incrementar la visitación al lugar. Asimismo, el entrevistado 4º y el entrevistado 1º mencionan que poniendo en práctica todas esas técnicas de interpretación en el sendero ya luego se pueden realizar alianzas estratégicas con tour operadoras, agencias de viejas y hoteles de la zona con el fin de posicionar el emprendimiento.

Del mismo modo, a como menciona el entrevistado 3º, esto puede generar un beneficio a nivel social que podría incluso comenzar a comercializar los productos que ofrecen las comunidades aledañas y diversificar así el producto.

CONCLUSIONES

La elaboración de esta propuesta de técnicas de interpretación permitió plasmar no solo las características geológicas y recursos que posee el proyecto sino rescatar el legado histórico y cultural de esta zona guanacasteca. Las técnicas de interpretación permiten mejorar la experiencia, la seguridad y la información que se le brinda al visitante. Ahora bien, un sendero debidamente rotulado, una correcta división de la flora y fauna, servicios básicos (principalmente baños y agua potable) y un recorrido con indicaciones, cuidados, distancia e información relevante puede ocasionar un impacto positivo en los visitantes y por ende en el proyecto.

Por las razones antes mencionadas, surgió como necesidad la implementación de técnicas de interpretación turística en el Tour Cerro del Caballito ya que permitirá generar un beneficio directo sobre la gestión del recorrido, el disfrute del visitante y posterior creación de valor agregado en la oferta. Además, el profesionalizar la gestión y desarrollo del recorrido permitirá al tour posicionarse como destino líder en interpretación de atractivos biológicos, paisajísticos y plasticidad debido a la riqueza de elementos que posee esta formación destino turístico, trayendo como principal consecuencia que el recorrido se diferencie de otros tours similares.

Al implementar la mejora de los elementos de interpretación turística, el desarrollo del recorrido del tour Cerro del Caballito generará una mejor y enriquecedora experiencia para el visitante, en tanto que se trasmita todos aquellos mensajes claros y precisos sobre los diversos recursos naturales y culturales que rodean el sendero. Agregando a lo interior, estas experiencias interpretativas permitirán a los turistas entender el contexto del paisaje y sus componentes de una forma creativa, dónde bajo los estímulos brindados por el mensaje verbal o escrito, este pueda utilizar su imaginación y sentidos para auto interpretarlo o formar parte de la narrativa.

Es importante también, que, dentro del contenido interpretativo durante el recorrido del tour, se añadan experiencias personales, anécdotas, leyendas, mitos e historias de vida de la comunidad de Caballito, principalmente del guía local o el propietario, con el fin de maximizar los significados de los elementos del sendero (flora, fauna, geografía, clima,

etc.), como un medio de valor agregado en la experiencia de los turistas.

Finalmente, en términos de experiencia para el visitante, es necesario fortalecer algunos elementos de rotulación informativa que van más allá del atractivo del sendero, hablemos de letreros con distancia del recorrido, kilometraje, tiempo de duración, sugerencias y una correcta demarcación del sendero como tal, pensando mayormente para aquellas personas que deseen realizar una experiencia más autogestionada o autoguiada. Ya que esto generará mayor seguridad y disminuirá el porcentaje de riesgo.

RECOMENDACIONES

1. Certificar a los colaboradores profesionalmente como guías locales o guías interpretativos ante las entidades correspondiente como lo son el Instituto Nacional de Aprendizaje (INA) o el ICT.

2. Demarcar el sendero y colocar barandas de protección en las áreas de mayor dificultad (pendientes o zonas empinadas).

3. Realizar un inventario de todas las especies de flora y fauna que se encuentra presentes en la zona.

4. Realizar un levantamiento de los elementos geológicos que posee el Cerro del Caballito, esto con el fin de rotular correctamente las formaciones calcarías.

5. Colocar un rotulo en el área de inicio del sendero que indique la distancia y con todo el recorrido del *tour* (puntos de descanso, miradores, zona arqueológica y sitios de relevancia para el turista).

6. Mejorar la rotulación mediante la incorporación de datos científicos verídicos, utilizando mensajes sencillos, breves y llamativos para los visitantes.

7. Rotular con imágenes alusivas a los componentes que se quieren explicar (animales, flora, paisaje) como complemento para la narrativa del guía.

8. Brindar información previa a los visitantes sobre requerimientos y recomendaciones para realizar el *tour* (ropa, calzado, hidratación, distancia, duración, dificultad).

9. Diseñar panfletos o brochures con información adicional acompañada con imágenes y fotografías de elementos del recorrido.

10. Añadir experiencias, anécdotas, leyendas, historias de vida para explicar la información relevante del *tour*.

11. Contactar profesionales afines que ayuden a generar información científica o técnica que sustente la narrativa del *tour* guiado (geólogos, biólogos, historiadores, arqueólogos).

12. Establecer mínimos y máximos de personas por *tour* (en caso de los guiados), con el fin de asegurar que toda la información durante el recorrido sea bien entregada.

13. Portar un botiquín de primeros auxilios para responder ante posibles emergencias.

14. Instalar baños ubicados estratégicamente durante el recorrido para los turistas.

15. Diversificar en servicios complementarios como: venta de souvenirs, camisetas, bloqueadores, protectores de mosquitos, botellas de agua.

REFERENCIAS

Aragón, I. (2015-2016). *Influencia De Los Guías De Turismo En La Calidad Y La Sostenibilidad De Los Destinos Turísticos El Caso De Barcelona* [Tesis de Master, Universidad de Girona]. https://bit.ly/3GOSf9Y

Cruz, M. (14-17 de octubre de 2015). *La capacidad de carga turística como herramienta de gestión de sitios patrimoniales.* Ponencia presentada en el Segundo Encuentro Nacional de Gestión Cultural. Tlaquepaque, Jalisco, México.

García, S. (2013). *Flujos turísticos en destinos de ciudad. El caso de Málaga capital.* (Tesis de maestría, Universidad de Málaga). https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/6940/TFM%20FINALSUSANA%20GARC%C3%8DA%20ARANDA.pdf?sequence=1

González, A. (2018). Construcción Colectiva De La Experiencia Turística Para La Sociedad Anfitriona: Una Mirada Desde El Sur. *Revista Latino Americana De Turismologia,*4(1), 34-51. https://periodicos.ufjf.br/index.php/rlaturismologia/article/view/10044/7447

González, A. (2018). La Experiencia Turística en la literatura Académica. En Bubok Publishing S.L. *Construcción Social de la Experiencia Turística.* (pp.33-53). Bubok. https://www.researchgate.net/publication/322508174_Construccion_social_de_la_experiencia_turistica

Gutiérrez, N y Maragliano, G (2008). *La Interpretación del Patrimonio en el Turismo y la Recreación: Una gestión participativa que revela significados.* IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas. https://cdsa.aacademica.org/000-080/56.pdf

Hernández Sampiere, R., Fernández, C., y Baptista, P. (2014). *Metodología de la Investigación.* McGraw-Hill.

Legorreta, I. (2017). Diseño de senderos interpretativos en el Área de Protección de Flora y Fauna Nevado de Toluca. [Tesis de Grado, Universidad Autónoma del Estado de México]. https://ri.uaemex.mx/bitstream/handle/20.500.11799/67470/UAEM- FAPUR-TESIS-LUIS%20ISAAC%20LEGORRETA%20GOMEZ.pdf? sequence=3&isAllowed=y

Lucero, J., Varisto, Y., Matamala, R. y Pedetti, M. (2021). *Senderos Autoguiados en la provincia de Buenos Aires*. 1° Edición. La Plata: Subsecretaria de Turismo de la Provincia de Buenos Aires, Ministerio de Producción, Ciencia e Innovación Tecnológica.

Mendoza, M., Umbral, M. y Árevalo, M. (2011). La interpretación del patrimonio, una herramienta para el profesional del turismo. *El Periplo Sustentable*, 20, 9- 30. https://www.redalyc.org/pdf/1934/193417856002.pdf

Peñate, A. (2019). Propuesta de un concepto sobre interpretación del patrimonio. Atenas, 1 (45), p. 99-113. https://www.redalyc.org/journal/4780/478058273007/html/

Perera G, y Betancourt M. (2016). Técnicas de interpretación para la gestión turística en los recorridos de ciudad: el caso de la ciudad de Camagüey. *Retos de la dirección. 10*. 94-113. http://scielo.sld.cu/pdf/rdir/v10n1/rdir07116.pdf

SINAC. (2015). *Herramienta para el Manejo de los Flujos de Visitación en las Áreas Silvestres Protegidas del SINAC.* Sistema Nacional de Áreas de Conservación.

Tacón, A y Firmani C. (2004). *Manual de Senderos y Uso Público.* CIPMA.

PROPUESTA PARA TOUR GUIADO Y AUTOGUIADO

Para la elaboración de esta propuesta se utilizaron como base los siguientes documentos y guías: el Manual de Técnicas de Interpretación de la Carrera de Guía Nacional de Turismo Quito-Ecuador, 2020 publicada por Silva (2020) y la Guía de Interpretación del Patrimonio Natural y Cultural de los autores Lazo y Arróspide (2010) y el Manual de Rotulación para las Áreas Silvestres Protegidas del Sistema Nacional de Áreas de Conservación (SINAC).

GUIADO

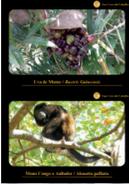
AUTOGUIADO

1. Bienvenida y despedida

2. Identificación

3. Regulación y advertencia

4. Identificación de elementos

5. Flora y fauna

6. Historias y leyendas

7. Huerta ecológica

8. Caverna "Matapalo"

UNA

9. Zona arqueológica

10. Reglamentara

11. Puntos de fotografía

12. Direccionales

13. Distancia

14. Miradores

CAPÍTULO 5

TURISMO EXPERIENCIAL – UMA TIPOLOGIA ESTUDO SOBRE A PERCEÇÃO DA EXPERIÊNCIA PELO VIAJANTE

Data de submissão: //2024   *Data de aceite: 01/10/2024*

Sónia Branquinho de Almeida
Doutoranda em Turismo, Património e Território, pela Universidade de Coimbra e Investigadora no CEGOT – Centro de Estudos e Ordenamento do Território (Grupo 3 – Turismo, Património e Território) - PORTUGAL, Pós-Diplomada em Turismo, Lazer e Cultura, Pós-Graduada em Gestão e Desenvolvimento em Turismo e Licenciada em Turismo
Portugal

Norberto Santos
Doutor com Agregação, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coordenador do Grupo 3 – Turismo, Património e Território do CEGOT – Centro de Estudos e Ordenamento do Território
Portugal

Mónica Méndez Díaz
Doutorada em Turismo e Professora na Faculdade de Ciências do Turismo na Universidad Rey Juan Carlos, Madrid, Espanha

Isabel Dias Santiago
Licenciada em Contabilidade e Auditoria, Pós-graduada em Direito das Autarquias Locais e Master em Data Science and Business Analytics pela University of Texas – Estados Unidos da América

RESUMO: Trabalho académico que tem por objetivo dissertar acerca da temática que envolve a dúbia questão da fronteira definitória do que se entende por Turismo de Experiências ou Turismo Experiencial, explanando acerca das motivações e perfis dos seus executantes. Queremos respostas para as controversas questões: Será que todo o turismo é sempre sinónimo de experiências? O turismo ativo, criativo cujo objetivo principal é proporcionar sensações e experimentação pode fruir da designação de Turismo Experiencial? Em relação aos procedimentos metodológicos foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória, bem como uma análise aos resultados de um inquérito online submetido a uma amostra de 295 inquiridos, oriundos de 25 países de todos os continentes, a pessoas maiores de 18 anos, que efetuaram pelo menos uma viagem turística nos últimos 5 anos, entre 2018 e 2022.
PALAVRAS-CHAVE: Turismo Experiencial; Turismo Criativo; Turismo de Desafios; Turismo Ativo; Experiências Turísticas.

RESUMEN: Trabajo académico que tiene como objetivo discutir el tema que involucra la dudosa cuestión de la definición de frontera de lo que se entiende por Turismo

de Experiencias o Turismo Experiencial, explicando sobre las motivaciones y perfiles de sus intérpretes. Queremos respuestas a las preguntas controvertidas: ¿Todo turismo es siempre sinónimo de experiencias? ¿Puede el turismo activo y creativo cuyo objetivo principal es proporcionar sensaciones y experimentación puede disfrutar de la designación de Turismo Experiencial? En cuanto a los procedimientos metodológicos, se realiza una investigación cualitativa y exploratoria, así como un análisis de los resultados de una encuesta online presentada a una muestra de 295 encuestados de 25 países de todos los continentes, a personas mayores de 18 años, que realizaron al menos un viaje turístico en los últimos 5 años, entre 2018 y 2022.
PALABRAS CLAVE: Turismo Experiencial; Turismo Creativo; Turismo desafío; Turismo Activo; Experiencias Turísticas.

ABSTRACT: Academic work that aims to discuss the theme that involves the dubious question of the definition frontier of what is meant by Experience Tourism or Experiential Tourism, explaining about the motivations and profiles of its performers. We want answers to the controversial questions: Is all tourism always synonymous with experiences? Can active, creative tourism whose main objective is to provide sensations and experimentation can enjoy the designation of Experiential Tourism? Regarding methodological procedures, qualitative and exploratory research is carried out, as well as an analysis of the results of an online survey submitted to a sample of 295 respondents from 25 countries on all continents, to people over 18 years of age, who made at least one tourist trip in the last 5 years, between 2018 and 2022.
KEYWORDS: Experiential Tourism; Creative Tourism; Challenge Tourism; Active Tourism; Tourist Experiences.

1 I INTRODUÇÃO

O setor do Turismo, enquanto fator de vivências e participações em destinos diferenciados daqueles em que vivemos habitualmente, potenciará o surgimento de um novo conceito baseado em atividades experienciais? Haverá lugar para a análise aprofundada e para a criação de produtos estruturados turísticos cujo principal enfoque é mesmo a experiência ativa baseada em sensações, emoções, atividades e desafios? É precisamente esta problemática que pretendemos tratar no presente artigo.

Turismo é experiência ou experiencial?

Desde a tomada de decisão do destino, passando pela escolha da forma de reserva, se mais autónoma por via das plataformas multiserviços ou diretamente com contacto aos agentes nos locais ou pela opção por agências de viagens, até à chegada e usufruto dos locais de visitação, já se incorre numa amálgama de experiências que contribuem, sem dúvida, para o valor a atribuir à viagem turística. Cremos que, por si só, todo este processo é já uma experiência turística. Neste prisma, MARUJO (2016, p. 1) afirma que *“Tudo o que um turista observa ou experimenta num destino é uma experiência seja ela negativa ou positiva.”*

Perante esta questão importa referir afinal o significado etimológico do vocábulo experiência, assim, e de acordo com MACHADO (1987, Vol.2) deriva este, do latim. Para o referido e conceituado linguista português "... experimentar advém de 'experimentare', «ensaiar, experimentar» e experiência deriva de 'experientia', «ensaio, prova, tentativa; experiência; experiência adquirida, prática». Já Turner (1987, p. 456-457) considera que a mesma palavra, *experience,* "É uma palavra inglesa com uma derivação da base indo-europeia *per-, "tentar, aventurar-se, arriscar" – podendo ver como seu duplo "drama", do grego dran, "fazer", espelha culturalmente o "perigo" etimologicamente implicado na palavra "experiência".

É, pois, comum associar o vocábulo ao signicado de tempo de realização de algo, o que leva à expressão de "ter experiência". Em nosso entender e para a defesa da teoria que ora apresentamos, experiência em turismo ou turismo experiencial estará relacionado com as ações de sentir, de fazer e de vivenciar. Considerando que este vocábulo poderá ter inúmeras interpretações e até ser considerada como bastante abstrata, corroboramos com a opinião de Dieguez T., Conceição O. (2021), que afirma que "A palavra "experiência" parece ser muito abstrata e difícil de conceituar devido à sua complexidade e natureza dinâmica".

De acordo com as autoras CUTLER e CARMICHAEL (2010 p.5-6), "...*através de estudos desenvolvidos sobre a experiência em turismo (resultados e influências), desenvolveram também um modelo conceptual da experiência turística, onde representam que a experiência turística é tudo o que acontece durante a ocorrência do turismo (viajar para o lugar, as actividades no lugar e o regresso)."* Para a definição da experiência turística existem várias interpretações do seu significado, conforme afirmam CHETRI et al (2004, p.1), dizendo que *"Não há uma teoria única que defina o significado e a extensão da experiência turística."* Por sua vez, MARUJO (2016, p.3), refere que a literatura descreve um campo de investigação bastante rico sobre a natureza da experiência turística, e reforça a sua teoria afirmando que *"alguns autores reconhecem a existência de dificuldades conceptuais e metodológicas na avaliação da experiência turística"* (MENDES e GUERREIRO, 2011, p. 318).

Os autores Agarwal, S., & Singh, P. (2022) referem que o "... turismo é visto como impulsionador da curiosidade para ver como os outros vivem as suas vidas". Consideram ainda que, os turistas "querem sair da "bolha turística" e experimentar o lado real do destino". Mas o que se entende por lado real do destino implicará a experimentação e a vivência das sensações? Poderá existir um conceito intitulado de Turismo Experiencial que tem por base motivacional a participação em atividades que se organizam em torno da ação de experimentar, de ver como é, de sentir física e emocionalmente? Haverá lugar à criação de produtos turísticos e destinos estruturados assentes nesta lógica do fazer, sentir e experimentar, apurando conhecimento e associando a adrenalina? Cremos que sim.

2 I TURISMO DE EXPERIÊNCIAS

MONDO et al (2017, p.27), refere que *"...na economia de serviço de hoje, muitas empresas simplesmente dispõem de experiências em torno das suas tradicionais ofertas para vendê-las melhor. Para perceber os benefícios de encenar experiências, no entanto, as empresas devem deliberadamente projetar experiências envolventes, cobrando por isso.* Abordando a importância da autenticidade enquanto fator motivacional para o turista cultural e experiencial, importa aqui abordar o binómio Autenticidade e Autenticidade Encenada. De acordo com GUERREIRO e MARQUES (2017, p. 8) a problemática da autenticidade é um dos temas mais discutidos na Sociologia do Turismo nas últimas quatro décadas, embora tenha sido alterada a sua definição original, o termo foi acompanhando a evolução dos estudos na área do turismo. Por sua vez, HEITMANN (2011, p.45) identifica a origem do termo, etimologicamente, no período Greco-Romano*, "onde significava: "o sentido de verdade, sinceridade ou originalidade num determinado contexto histórico. Na sua forma (mais) simples, refere-se à «coisa verdadeira», genuína e não adulterada."*

Já no final da década de noventa do passado século, MaCANNELL avança com a teoria sobre a qual os turistas são fundamentalmente motivados pela procura de experiências autênticas, distantes da alienação do dia-a-dia da sociedade capitalista, que se vivia na altura, e que hoje ainda assume reflexos. Refere, então o autor, na sua obra de 1999, p.159 que *"... acredita-se que as experiências autênticas só se apresentam àqueles que rompem as amarras da existência quotidiana e começam a «viver»".* Após estas considerações, fica por equacionar: que tipo de autenticidade? Baseando-nos na opinião de MARUJO (2018), corroboramos com a mesma quando esta explana sobre o facto de que, a autenticidade e a experiência de cada um em determinado evento é relativa a cada tipo de turista, que pode ter a sua própria perceção do que para ele é autenticidade e qualidade experiencial". Consideramos que de facto, a qualidade VS autenticidade para uns não será a mesma que para outros e que a satisfação do turista está intrinsecamente ligada às suas vivências, gostos pessoais e até relacionada com a sua condição biográfica.

Atendendo a que o Turismo Experiencial não é igual ao comércio de serviços tradicionais, PINE II; GILMORE (1999, p.61) afirmam que *"esta transição da venda de serviços para venda de experiências terá as mesmas dificuldades das mudanças da economia industrial para a economia de serviços*." Perante esta afirmação, reforçamos a nossa posição de que, de facto, a complexidade dos serviços inerentes ao usufruto do tempo de lazer dos indivíduos é necessariamente diferente de um serviço dito tradicional que assenta na primeira dimensão da qualidade, a obrigatória, aquela que é implícita e diz respeito a atributos que o cliente espera encontrar e que contribuem para a formação das suas expetativas e se, eventualmente, não os encontra sente-se insatisfeito. Já os serviços ligados ao lazer, turismo e bem-estar a dimensão associada da qualidade é a atrativa que se traduz nos atributos que ultrapassam o esperado, surpreendendo o turista, deixando-o

com uma opinião positiva. Esses atributos aqui referenciados têm que ver diretamente com a possibilidade da experimentação. Nesta senda, e reverenciando que as experiências de viagem são, hoje em dia, consideradas as mais-valias do turista, CHANDRALAL, Lalith; VALENZUELA, Roberto-Fredy (2013, p. 178) dão a conhecer que "*This refers to participants" memories of real local experiences during the trip i.e. experiencing actual local life, cultures and foods of toured destinations.* PINE e GILMORE (1999, p.161) salientam que existe um pós-estágio depois da experiência vivida. Ou seja, consideram que se deverá apostar na personalização das experiências, e que o serviço oferecido deverá ser quase como individualizado e único.

Após a análise das teorias dos supracitados autores acrescentando a de MODY (2016) relativas às principais caraterísticas do Mercado do Turismo de Experiências, apresentamos uma atualização ao Quadro representativo. Às duas versões existentes, acrescentamos quatro novas caraterísticas que consideramos essenciais, na vertente do turismo experiencial. Assim, na parte do turista passivo, sugerimos, por parte dos destinos uma cada vez maior aposta numa oferta estruturada baseada na autenticidade e na sustentabilidade ao nível transversal. No que concerne ao turista ativo, propomos a adição do reforço da oferta do destino e do caráter unicidade, bem como, no planeamento de entretenimento que incuta adrenalina e satisfação às experiências do turista.

Citando novamente os autores Pine e Gilmore, PINE II; GILMORE (1999, p.69), que apresentam a existência dos Quatro Reinos de uma Experiência, alegando que a experiência deve ser estudada e trabalhada levando em conta várias dimensões. Volvidas duas décadas e com os comportamentos dos turistas a alterarem, propomos uma nova versão para os Reinos Experienciais, conforme abaixo apresentamos a adaptação do gráfico concebido pelos supracitados autores (1999), com a edição de MODY (2016).

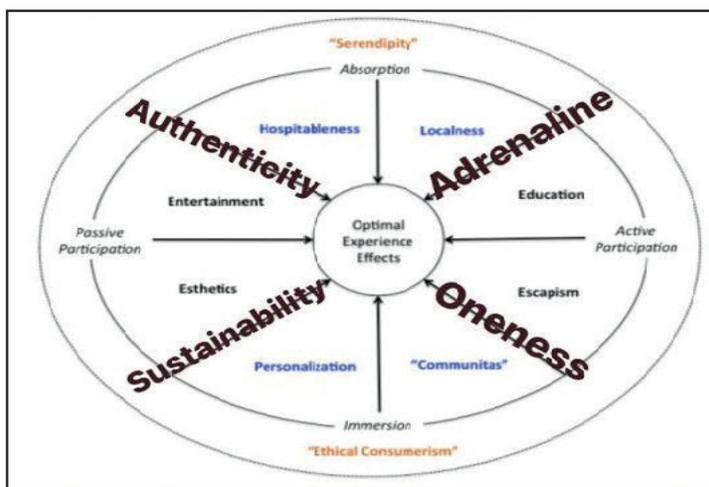



Fig. 2 – Quadro Economia de Experiências no Turismo

Fonte: adaptado de PINE e GILMORE (1999) e MODY (2016)

De acordo com MONDO e GÂNDARA (2017, p.26), *“a temática da gestão tem-se destacado no campo de estudo do turismo experiencial promovendo novas demandas científicas para a área, principalmente sobre a gestão das emoções, qualidade da experiência e novas formas e ferramentas de marketing.* São precisamente essas emoções que podem estar na base da criação desta Tipologia de Turismo Experiencial, reflexo disso são a junção de várias sub-tipologias assentes na base do turismo cultural e desportivo.

2.1 O Turismo Criativo, Ativo e de Desafios relacionado com a experiência do visitante

Retomando a questão que relaciona as sub-tipologias oriundas do Turismo Cultural, o ativo, o criativo e o de desafios com o Turismo Experiencial, pretendemos explanar acerca desta conjugação, que pode ter como objetivo principal proporcionar sensações e a experimentação aos visitantes.

O conceito de Turismo Criativo foi apresentado pelos autores Crispin Raymond e Greg Richards nos anos 2000, no entanto, já na década de 90, do século passado, Richards dedicou-se à análise desta temática afirmando que, “*O aparente sucesso das estratégias de desenvolvimento de Turismo Cultural encorajou as cidades e regiões a utilizar a combinação de cultura e turismo, passando a oferta de bens culturais a crescer mais rapidamente do que a procura cultural.”* (RICHARDS & WILSON, 2007, p.10). Esta realidade conjugada com a crescente concorrência entre destinos, estimulou a criação de eventos culturais, cada vez mais distintos e impressionantes, mas que não eram suficientemente marcantes para criar a distinção entre destinos. Essa reprodução em série da cultura desencadeou um aumento da procura por novos produtos turísticos que melhorassem a experiência da estadia no destino (traduzido livremente de Richards & Wilson, 2007). Mais recentemente, RICHARDS (2021, P. 2) afirma que “*As indústrias criativas se tornaram um motor para a crescente economia simbólica, ao mesmo tempo em que apoiam a diferenciação nacional e regional”.* Na mesma senda, DUXBURY et al (2021, P. 1 e 13) consideram que o turismo criativo é um campo de pesquisa novo, com a maior parte da atenção voltada para as atividades de turismo criativo nos grandes centros urbanos, por outro lado, concluem ainda que, em destinos de pequena dimensão e em áreas rurais, *“os conceitos de turismo cultural sustentável e turismo regenerativo, examinam o potencial do turismo criativo como elemento regenerador nos processos de desenvolvimento comunitário”.* A nossa análise à literatura, desde a mais antiga à mais recente, cujos artigos abordam o Turismo Criativo, podemos afirmar que, este tem sido uma das apostas dos destinos para o alargamento da oferta diferenciada, por forma a atrair visitantes mais responsáveis, interessados e participantes.

Relacionar o turismo ativo com o criativo leva-nos a desmistificar a questão do desígnio “ativo” apenas com a parte física e desportiva, cujos participantes têm que gozar de uma ótima condição de robustez. Apesar de não existir concordância sobre a terminologia

de turismo ativo, e na opinião de SARMIENTO (2006, p. 105-106) o termo é variável de acordo com a perspetiva apresentada podendo ser de recreio, aventura, desportiva e de ócio.

3 I TURISMO DE DESAFIOS

As autoras De Bruin, A. e Jelinčić, D.A. (2016, P. 4-5), apresentam numa junção de subtipologias de turismo um novo conceito que intitulam de "*turismo de experiência participativa – PET (Participatory Experience Tourism)*, considerando-o avançado e preferível ao reenquadramento do "turismo criativo" para captar formas variadas de experiência envolvendo a participação turística ativa. Corroboramos com a opinião das citadas autoras quando apresentam o "...turismo de experiência participativa" enquanto extensão do turismo criativo e como uma construção tipo guarda-chuva que expandida e bem trabalhada - acrescentamos nós- que esta pode incluir a adição de valor aos destinos (traduzido livremente). Consideramos que a tal adição de valor aos destinos terá que ser monitorizada e sustentável para que a relação entre as dimensões local e global seja benéfica. De acordo com FLETCHER et al. (2019) os visitantes que viajam de locais distantes podem olhar para o residente local enquanto "experiências" podendo este fator contribuir para a perda de identidade dos lugares e insatisfação dos envolvidos. Neste sentido, NASCIMENTO (2022, p.1) argumenta que o *"...Turismo de Experiência não é apenas um nicho de mercado voltado para um público interessado em viagens menos estandardizadas"*. De facto, e com a diversificação da procura e as ações de *benchmarking* que os decisores políticos locais têm importado, num fenómeno de aculturação, pode deturpar a essência do supra referenciado *PET – Participatory Experience Tourism.*

Esse fenómeno de participação ativa em experiências turísticas vem desencadeando o aparecimento de novas tipologias de ativas ligadas ao desafio, desencadeando competições ao nível sensorial, onde o sentir a adrenalina aliada à aquisição de conhecimento de aspetos culturais, históricos, etnográficos dos destinos, se tornam nos elementos essenciais do participante viajante. As salas de *escape room*, criadas em Budapeste, em 2012, são um desses exemplos que, cada vez mais, seduzem turistas a viajar para participarem nestes desafios. LAMA (2018, p. 1), a propósito desta nossa afirmação adianta que, *"El escapismo en vivo es una tendencia de ocio que viene experimentando un crecimiento extraordinario en los últimos años"*, dando a conhecer no seu estudo que as Escape Rooms ou o "escape", como ele próprio intitula a modalidade *""escapismo" en vivo es la actividad de ocio más valorada en los principales destinos turísticos europeos".*

Outra das tipologias plenamente associada ao turismo de experiência participativa é o *Dark Tourism* que, pela sua envolvência emocional relacionada a factos macabros ocorridos leva os turistas a participarem de forma ativa em viagens sensoriais, desafiando, muitas vezes, os seus próprios receios e debilidades, bem como, enfrentando potenciais

perigos até fisiológicos, como é o caso de visitas a locais que ainda oferecem alguma periculosidade aos participantes, como é o caso de uma visita às imediações da antiga Central Nuclear de Chernobyl, na Ucrânia.

À análise a estas emergentes modalidades turísticas podemos, assim, afirmar que existe um vasto conjunto de atividades e tipologias que levam o turista a querer viajar considerando a sua máxima motivação aquela que é relacionada à experiência e à participação ativa e emocional.

4 I METODOLOGIA:

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória, bem como uma análise aos resultados de um inquérito online submetido a uma amostra de 295 inquiridos, oriundos de 25 países de todos os continentes, a pessoas maiores de 18 anos, que efetuaram pelo menos uma viagem turística nos últimos 5 anos (2018 a 2022). Entendemos como sendo uma viagem, quando houver deslocação desde o seu local habitual de residência, trabalho ou estudo e que tenha existido, no mínimo, uma pernoita. Dos inquiridos, 75% são residentes em Portugal. A margem de erro do estudo é de 7,5% num universo de 5.641 mil pessoas. Este número representa a média do número de residentes em Portugal, que viajou para o estrangeiro nos últimos 3 anos, entre 2018 e 2020. Fonte: Adaptado de POR DATA (2021) – Quadro Estatístico - População residente que viajou em turismo: total e por destino da viagem.

5 I VALIDAÇÃO DE DADOS

Os dados analisados foram comprovados e validada a sua recolha através da realização de um teste estatístico, em colaboração com a University of Texas at Austin, utilizando o Python Software Foundation. Foi possível apurar na observação da base de dados, um grupo de 292 indivíduos de dois géneros (não tendo um índividuo repondido), oriundos de seis continentes (considerando América do Norte e América do Sul), com três tipologias de Locais de Residência, área rural, área urbana de pequena dimensão e área urbana de grande dimensão. Os respondentes revelaram serem possuidores de 11 níveis de escolaridade diferentes.

Categorical features	count	unique	top	freq
Gender	291	2	Female	169
Continent	292	6	Europe	257
Place of Residence	292	3	Small Urban Area	180
Education Level	290	11	Degree	106
Most frequent type of travel per year -Biggest Travel	292	7	Holidays, Leisure and Recreation	209

Fig. 3 – Quadro Geral de Caraterísticas mais Representativas dos Inquiridos

Fonte:autores, 2023

These results were obtained using: Python Software Foundation, https://www.python.org/, Python Pandas Library - Pandas is an open source library in Python, 2023

Na análise dos dados, pode ainda observar-se que existem sete tipos/razões de viagem para a de maior dimensão anual. O gráfico revelou que os indíviduos respondentes são maioritariamente do sexo, provenientes da Europa e de pequenas áreas urbanas.

O tipo de viagem mais frequente e de maior dimensão, por ano, é claramente o destinado a Férias, Lazer e Recreio.

Numerical features	count	mean	std	min	25%	50%	75%	max
Age	292	36.12329	13.69295	15	23	37	45	84
Household	291	2.61512	1.058453	1	2	3	3	4
Average monthly income per household cap	252	2347.222	1377.202	700	1500	2500	3500	6000
Yearly Travel Frequency	292	2.181507	1.092587	1	1	2	3	4

Fig. 3 – Quadro Geral da Origem dos Inquiridos

Fonte: autores, 2023

Pode observar-se que o banco de dados considerou um grupo de 292 indíviduos com idades compreendidas entre os 15 e os 84 anos. Estes inquiridos provêm de agregados familiares com uma, duas, três ou quatro elementos, sendo que o rendimento médio mais baixo é de cerca de 700,00€ (setecentos euros) e o mais alto de 6.000,00€ (seis mil euros), 40 pessoas optaram por não responder a esta questão. Por último, observou-se que a

frequência média anual de viagens dos inquiridos é de 2,18 vezes.

6 I ANÁLISE DE RESULTADOS APURADOS

Atentemos acerca dos resultados às questões chave do inquérito aplicado, que nos permitem concluir acerca da pertinência do surgimento do Conceito de Turismo Experiencial. A primeira pretende auferir sobre a opinião dos respondentes acerca do turismo ser diretamente relacionado com experiências.

Q1 - Será que todo o turismo é sempre sinónimo de experiências?

- 66% considera que sim;
- 19% considera que não;
- 15% não liga ou tanto lhe faz

Os supra resultados demonstram, assim, que, dois terços dos inquiridos, cogita afirmativamente contra apenas um número inferior a um quinto que considera que não há, sempre, relação entre a prática do turismo com experiências.

No que concerne a uma análise mais afunilada do termo Turismo Experiencial, onde se questionam os participantes acerca da sua utilização científica, utilizámos a seguinte perquirição.

Q2 - O turismo ativo, criativo cujo objetivo principal é proporcionar sensações e experimentação pode fruir da designação de Turismo Experiencial?

- 54% dos inquiridos a isso fazem referência
- 10,6% afirmam essa associação como imprescindível
- 27,5% não a considera.

A esta mais complexa questão, cerca de 65% dos inquiridos tem uma opinião positiva, sendo que destes alguns até consideram a associação como fundamental.

No seguimento da informação anterior, e por forma a averiguar a propósito da notoriedade que o termo Turismo Experiencial já goza, a questão seguinte confirma que mais de metade dos respondentes já a reconhece.

Q3 – Existe já reconhecimento da designação Turismo Experiencial?

- 56,5% dos inquiridos afirmam que já ouviu a designação.
- 43,5% não reconhecem a designação

À pergunta acerca da possibilidade do surgimento desta tipologia, podemos analisar que a maior da parte dos participantes no estudo consideram que sim.

Q4 - O setor do Turismo, enquanto fator de vivências e experiências em destinos diferenciados daqueles em que vivemos habitualmente, potenciará o surgimento de um novo conceito baseado em atividades experienciais?

- 63,3% considera que sim;
- 4,4% considera que não;
- 13,6% não liga ou tanto lhe faz

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Efetuando uma atual revisão da literatura no âmbito do turismo experiencial, importa relembrar a investigação efetuada pela autora et Al (2023) em que já se defendeu a existência de uma nova sub-tipologia de turismo afeta e transversal a muitas outras, nomeadamente nas vertentes histórico-culturais, desportivas e ambientais. *"Embora possam ter alguma interligação e considerando que, qualquer espécie de viagem turística contribui sempre para a aprendizagem e enriquecimento emocional de um indivíduo, a Tipologia de Turismo Experiencial baseia-se na participação ativa física, emocional e cognitiva dos turistas em atividades proporcionadas pelos destinos."*

O novo conceito, afinal, já há alguns anos que anda a ser estudado e referenciado, senão veja-se a opinião dos autores DALIMUNT e TAUFIK (2021) que defendem que *"o turismo experiencial é um ramo do turismo que necessita de atenção porque se baseia na relação entre a experiência e o conceito de turismo de interesse especial que os turistas começam a procurar*...".

Cogitando então sobre a pesquisa elaborada, bem como na análise aos resultados obtidos junto, maioritariamente, de respondentes pertencentes à comunidade académica viajante, consideramos, pois, que estamos perante a fruição de uma nova tipologia de Turismo, a Experiencial. Ainda numa Fase considerada enquanto inicial de perceção – identificação e seu desenvolvimento, importa, cada vez mais, analisá-la como modo de atuação participativa transformativa de todos aqueles que procuram a experiência, a criatividade, a inovação e a proximidade com as comunidades locais durante o processo turístico.

É ainda pertinente referir e distanciar esta nova Tipologia Turística com a identificada enquanto experiência transformadora do turista, pois essa pressupõe a alteração nos seus comportamentos e modos de pensar e agir, conforme definem os autores Soulard, McGehee, & Knollenberg et al (2021) "*que o termo experiência transformadora (TE) dos turistas conota o momento em que os turistas experimentam mudanças profundas durante a viagem e também depois quando voltam para casa".* Embora possam ter alguma interligação e considerando que, qualquer espécie de viagem turística contribui sempre para a aprendizagem e enriquecimento emocional de um indivíduo, a Tipologia de Turismo que aqui apresentamos baseia-se na participação ativa física, emocional e cognitiva dos turistas em atividades proporcionadas pelos destinos. A propósito desta evidência, defendemos que, nos destinos turísticos, dever-se-ão criar entidades que, juntamente com

os *stakeholders* regionais, se dediquem ao planeamento, desenvolvimento e aplicação de projetos e ações que tenham por base a preocupação em proporcionar as experiências supra referenciadas de forma estruturada e coordenada.

REFERENCIAS

BUTLER, R. W. (2006ª.) "The Tourism Area Life Cycle: Vol. 1". Application and modifications. Clevedon, UK: Channel View Publications.

BUTLER, R. W. (2006b). "The Tourism Area Life Cycle: Vol. 2". Conceptual and theoretical issues. Clevedon, UK: Channel View Publications.

DALIMUNT, Gallang; TAUFIK, Henrique Meytra (2021)."Experiential Tourism: A Concept Framework", Turkish Journal of Computer and Mathematics Education ,Vol.12 No.8, 889-890 pp.

DAVIDOVA, Ekaterina; DUDKINA, Olga (2024). "Interethnic communication in tourism as a factor of regional development", BIO Web Conf. Volume 113.

DE BRUIN, A. e Jelinčić, D.A. (2016). "Toward extending creative tourism: participatory experience tourism", Tourism Review, Vol. 71 No. 1, pp. 57-66.

DIEGUEZ T., Conceição O. (2021). "Turismo Experiencial e Marketing Experiencial: Uma Abordagem Inovadora". In: Abreu A., Liberato D., González E.A., Garcia Ojeda J.C. (eds) Avanços em Turismo, Tecnologia e Sistemas. ICOTTS 2020. Inovação Inteligente, Sistemas e Tecnologias, vol 209. Springer, Cingapura.

DUXBURY, N.; BAKAS, F.E.; VINAGRE de Castro, T.; SILVA, S.(2021). "Creative Tourism Development Models towards Sustainable and Regenerative Tourism". Sustainability 2021, 13.

JACKSON, M. (1987). Resenhas de Livros : A ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA. Editado por Victor W. Turner e Edward M. Bruner com um epílogo por Clifford Geertz. Urbana e Chicago, Universidade de Illinois Press, 1986. O Australian and New Zealand Journal of Sociology, 23(3), 456-457.

JOELLE SOULARD, Nancy Gard McGEHEE, Marc J. STERN, Kristin M. LAMOUREUX, (2021), "Transformative tourism: Tourists' drawings, symbols, and narratives of change", Annals of Tourism Research, Volume 87.

LAMA, Arsenio Villar Lama (2018). "OCIO Y TURISMO MILLENNIAL: EL FENÓMENO DE LAS SALAS DE ESCAPE", Cuadernos de Turismo, nº 41, (2018); pp. 615-636.

MACHADO, José Pedro (1987). "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Vol. 2? Livros Horizonte, Lisboa.

in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-de-experimentar/15775 [consultado em 27-12-2022]

MARUJO, Noémi (2016). "Turismo, Turistas e Experiências: Abordagens Teóricas". Ed. Revista Turydes, Revista de Turismo y Desarrollo Local, Vol. 9, nº. 20.

MARUJO, Noémi (2018). "Eventos Culturais e Autenticidade", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (diciembre 2018). pp.1-7.

MODY, Makarand (2016). “Creating Memorable Experiences: How hotels can fight back against Airbnb and other sharing economy providers”, Boston Hospitallity Review, Spring 2016, Volume 4, Issue 2, pp. 1-11

MONDO, Tiago Savi; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves (2017). “O Turismo Experiencial a Partir de uma Perspetiva Socioeconómica Mercadológica”. Ed. Revista Análisis Turístico 24, Asociación Española de Expertos Científicos en Turismo (AECIT), pp. 26-40.

NASCIMENTO, Alan Faber (2022). “TURISMO DE EXPERIÊNCIA E A TRADIÇÃO TOURISM EXPERIENCE AND FORGOTTEN TRADITION”, ATELIÊ DO TURISMO, Ponto de Vista, 6(1), 1-7, jan-jun 2022.

OBEIDAT, W. (2023), “Rural and traditional cafes and restaurants: a new emerging trend in domestic tourism”, Worldwide Hospitality and Tourism Themes, Vol. 15 No. 1, pp. 74-83. https://doi.org/10.1108/WHATT-08-2022-0098.

PEREIRA, Tércio; LIMBERGER, Plabo Flôres (2020). “CEMETERY TOURISM: A STUDY ABOUT THE EXPERIENCES IN CONSOLAÇÃO CEMETERY FROM TRIPADVISOR”, REUNA, Belo Horizonte - MG, Brasil, v.25, n.1, p. 1-19, Jan. – Mar. 2020.

PEZZI, Eduardo; SANTOS, Rafael dos (2012). “A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing.”, Ed. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul - Turismo e Paisagem: relação complexa, 16 e 17 de Novembro, Universidade Federal de Caxias do Sul.

RICHARDS, Greg (2021). “Designing creative Places: the role of creative tourism”, Annals of Tourism Research, Vol. 85.

SARMIENTO, J. (2006). “La regulación de las empresas de turismo activo”. Estudios Turísticos, 169-170, 103-111

SUMEDHA, Agarwal; Priya Singh (2022). Autenticidade em Experiências Turísticas,Planeamento e Gestão da Economia da Experiência no Turismo, p.302-317.

CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES - É natural de Londrina, norte do Paraná. Capricorniano, sempre esteve ligado ao universo educacional e acadêmico. Participou de inúmeras palestras e eventos. Cursou licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranaguá, especializando-se em Gestão Escolar (Instituto Superior do Litoral do Paraná), Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar (Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral) e Coordenação Pedagógica (UFPR). Se aperfeiçoou em Gênero e Diversidade na Escola (UFPR). É Mestre em *Gestión y Dirección de Equipos* pela *Escuela Nacional de Negocios de Barcelona*. Com ímpeto para desbravar o mundo, e atendendo a um desejo juvenil cursou Tecnologia em Gestão de Turismo (UFPR, Setor Litoral), apaixonado pela área, no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná analisou o Turismo LGBT, temática ainda recente na academia. *Studyholic* assumido, à época de publicação deste livro encontra-se matriculado no curso de Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, linha de pesquisa Produção do Espaço e Cultura. Possui publicações em *reports*, periódicos e capítulos de livros; é o organizador da obra "Homocultura e as novas formas de Ler a Sociedade" (2019), "Interconexões: Saberes e Práticas da Geografia" e "Turismo, Sociedade e Ambiente" (2020) ambos por esta mesma editora. Após muitos carimbos no passaporte, por meio da Smithbig Consultoria de Viagens auxilia pessoas a concretizarem seus sonhos, além de ser Coordenador Pedagógico na Prefeitura Municipal de Paranaguá. Também já desenvolveu atividades na UFPR como professor formador e tutor a distância, atuou como professor no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) pelo Instituto Federal do Paraná.

ÍNDICE REMISSIVO

ROTEIROS CULTURAIS, **TURISMO E PATRIMÔNIO** ENTRE CULTURAS

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024

ROTEIROS CULTURAIS, **TURISMO E PATRIMÔNIO** ENTRE CULTURAS

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024